

RIVISTA DELLE FIGLIE DI MARIA AUSILIATRICE

dma e1

Da Mihi Animas

2021

ANO LXVIII
trimestral

#geratividade

Editore

Istituto Internazionale
Maria Ausiliatrice
Via Ateneo Salesiano, 81
00139 Roma
tel. +39 06872741
fax +39 0687132306
www.rivistadma.org
editor@rivistadma.org
dmanews1@cgfma.org

Direttrice responsabile
Mariagrazia Curti

Redazione

Maria Helena Moreira
Gabriella Imperatore

**Hanno collaborato
a questo numero**

Maria Baffundo, Mara Borsi,
Giulia Paola Di Nicola, Attilio Danese,
Emilia Di Massimo, Mariano Diotto,
Gabriella Imperatore, Paolo Ondarza,
Andrea Petralia, Veronica Petrocchi,
Eliane Petri, Maria Rossi,
Martha Séide,
Célia Aparecida da Silva e
Célia Regina Querido (tradutores).

Layout e grafica
VICIS Srl

Impaginazione e tipografia
VICIS Srl
V.le delle Provincie, 37 - 00162 Roma
www.vicis.it

Edizione Extracommerciale

La rivista **dma** è realizzata sobre
carta ecolgica certificada FSC,
constituída de pura celulose e.c.f. e
por un elevado conteúdo de fibras
de recuperação (pelo menos 25%).

foto Archivio FMA
foto Shutterstock



Associata USPI
Unione Stampa
Periodica Italiana

SUMÁRIO

Editorial

Geratividade no coração
do mundo **01**

Dossiê

#geratividade **02**

Edu@car

Vantagem ou liberdade? **12**

Horizonte família

Fecundidade: sinal
de uma vida **16**



Fio de Ariadne
À escuta das raízes **20**

**Por uma nova
cidadania**

Cidadania por uma
sociedade gerativa **24**

em direção ao CG XXIV



44

Em êxodo

Gerar
um mundo aberto **28**



#mulher

Uma vida a serviço
dos últimos **31**

Polifonia

Onde o amor
tem seu lugar **34**

**#comosjovens...
em escuta**

Jovens e Covid-19 **37**

Comunicar

Comunicar
para gerar **40**

Em direção ao CG XXIV

Mornese. Comunidade
gerada pelo encontro
com Deus **44**

Música

Regenerar-se
com a música **47**

Cinema

A rainha do xadrez **50**

Literatura

Escolher sempre
a vida. Minha história
narrada aos jovens. **53**



Camilla

Tempo de... **56**

Dossiê



02

A Revista DMA, no ano 2021, aprofundando o tema do Capítulo Geral XXIV «Comunidades geradoras de vida no coração da contemporaneidade» convida a nos deixar interrogar pelo sinal da água transformada em vinho bom que revela horizontes de vida e de esperança.

Movidas por esta esperança, acolhamos o novo ano que nos solicita ressignificar a vida e o tempo vivido que colocou em evidência uma profunda crise de humanidade com a sua frágil capacidade de agir em conjunto com vistas ao bem comum. Iluminou também pequenas e fecundas sementes de vida, visíveis nos gestos solidários de pessoas, organismos e instituições que se fizeram vizinhas e próximas para aliviar a dor de tantos com a dedicação da própria vida. Sentir-se interpelados pela esperança é viver em gentil atenção aos sinais do Espírito de Deus deixando-se conduzir por Ele e, impulsionados por suas inspirações, construir um presente e um futuro “gerativos”. É Ele que gera em nós a vida que transforma o mundo e leva o anúncio verdadeiro do Evangelho. É n’Ele que temos consciência de *ser hóspedes do mundo* e, ao mesmo tempo, de *nos empenhar para hospedar o mundo* na sua complexidade, abraçando os seus desafios, abrindo-nos às suas belezas e oportunidades. N’Ele podemos descobrir a “mística” do viver junto, que pode transformar-se em uma verdadeira experiência de fraternidade universal.

A realidade atual, marcada por tantas situações de exclusões, desigualdades e pobreza, interpela a gerar novos estilos de vida e uma renovada fraternidade. “*Uma*

terra será fecunda, um povo dará frutos e estará em condições de gerar futuro somente à medida que estabelecer relações de pertença entre seus membros, à medida que estabelecer liames de interação entre as gerações e as diversas comunidades que o compõem; e, também, à medida que romper as espirais

que obscurecem os sentidos afastando-nos sempre mais uns dos outros” (Fratelli Tutti, 53).

A fraternidade é uma sementeira cotidiana, cultivada na consciência que é um empenho que se apoia na força do Amor de Deus e que habilita a transcender os projetos pessoais e institucionais para viver o chamado contínuo à reciprocidade. Esta solicita a reinvenção de uma gramática da gratuidade das relações que conjuguem hospitalidade, partilha, comunhão, solidariedade, promovendo a cultura da geratividade, para fazer crescer o Reino de Deus.

Somos portadoras de um carisma que tem em si uma forte carga de esperança. Desde o início Dom Bosco e Madre Mazzarello deixaram-se educar por Deus e entenderam que a esperança salesiana se nutre de santidade, de Evangelho. A esperança pede que a vida seja colocada inteiramente a serviço, acolhendo o outro como um mistério que revela incondicional hospitalidade. Chamados a recriar a originalidade educacional de Valdocco e de Mornese, na responsabilidade de tecer liames de comunhão solidária e convergência na única missão, com os jovens, nos empenhamos por fazer escolhas geradoras de vida em favor de uma fecundidade missionária. O Instituto das FMA, como um ecossistema generativo, interpelado pela realidade contemporânea, continua a acolher o sonho de Deus que é o de tornar as comunidades geradoras de vida no coração do mundo. A presença de Maria inspira um estilo educacional que gera e nutre a vida: “*fazei tudo o que Ele vos disser*” (Jo 2,5), oferecendo a todos o vinho bom da esperança, da cooperação, da solidariedade global e local, da justiça humanizante.

Editorial

Geratividade no coração do mundo

Maria Helena Moreira, FMA

mhmoreira@cgfma.org

#Geratividade

DOSSIÊ

Gabriella Imperatore, FMA
gimperatore@cgfma.org



Geratividade vem do verbo gerar. *Gen* (raiz latina) exprime a ideia de algo que “vem à luz”, “germina”, e que é capaz de deixar no tempo um sinal, até criar uma tradição. *Gignomai* (raiz grega) significa ser, fazer ser, fazer acontecer e é a capacidade, tipicamente humana, de colocar no mundo. Para além do aspecto biológico é expressão daquela categoria interna que abre as pessoas ao mundo e aos outros, de modo a colocá-las em condição de agir eficazmente e contribuir com o que a circunda.

“
*Aquilo que está vivo
produz fruto e o que está
vivo gera e o que está vivo
se transforma (Goethe).*
”

Gerar está na origem da existência da pessoa e da busca de sentido que cada um realiza no arco da própria vida. É um modo de ser que promove através do cuidado, a própria vida, preocupando-se com a vida dos outros e valorizando suas capacidades de contribuição. A geratividade é um modo de chamar à vida; é um ato de amor e de confiança. Na perspectiva pedagógica, o verbo *gerar* evoca três dons que derivam de um ato genuíno de amor e de confiança e que situam a pessoa na órbita da capacidade de colocar-se a serviço dos outros:

- *dar vida*: Indica a criatividade que se desenvolve na dinâmica do encontro, da qual deriva a possibilidade de partilhas, ações e pensamentos transformando-os em relação;
 - *dar animar*: exprime o quanto seja importante colocar junto inteligência e afetividade na relação tempo espaço para descobrir o enraizamento no território e na história local;
 - *dar identidade*: é a escolha de valor que está na base do gerar e de todo o ato criativo.
- Dar vida, alma, identidade são ações possíveis se existe uma plenitude de vida, uma completa consciência daquilo que se é e se faz, uma criatividade que não se dispersa e não se esgota em mil riachos. Gera quem é capaz de pensar e trazer para fora de si mesmo e dos outros, energias positivas; quem não tem receio de iniciar algo de inédito, quem vive na luz e, por isto, pode levar à luz uma ideia, um projeto, um objetivo e está disposto a fazer nascer e crescer com a própria dedicação e o próprio cuidado. Gera quem está disposto a construir e a partilhar identidade, senso de pertença, capacidade de enraizamento, empenho de participação, acontecimentos partilhados que geram uma fraternidade universal (Pacucci, M. (2005). *Dizionario dell'educazione*. Bologna EDB).

■ Geratividade, o sentido do cuidado

A vida é um contínuo encontro com o outro, é um ter-se em mãos, em um fluir de palavras, sentimentos, emoções e silêncios de geração em geração. Toda vez que se cuida de alguém, toda vez que se ajuda alguém a retomar em mãos a própria vida, a se tornar autor ou autora da própria vida, toda vez que se confia em alguém, eis que se o recoloca no mundo. Na parábola do *Filho Pródigo*, o pai gerativo não é aquele que procria biologicamente, mas é aquele que o regenera, que o reenvia ao mundo, que cuida do filho; porém, em seguida deixa-o partir, colocando em movimento um dinamismo de crescimento que o leva a uma nova Aliança, a uma renovada fraternidade, a uma nova relação no amor. O sentido do cuidado é ter o olhar atento à totalidade do outro, é fazer-se útero do estar *com e para* o outro, é a reciprocidade no construir liames e vizinhanças, é tornar-se fonte de novidade e de mudança, para que alguém possa existir no tempo e na relação.

As Comunidades Educativas do Instituto das

Filhas de Maria Auxiliadora são sinais de relações geradoras no amar os jovens ao modo de Jesus, no serviço aos mais necessitados, na defesa da dignidade humana e na solidariedade com os mais pobres. "Os jovens têm necessidade de saber que são amados, mas o mais importante é que tomem consciência da raiz do amor com os quais são amados: para além de nós mesmos, são infinitamente amados por Deus, em qualquer circunstância que vivam" (Cf Papa Francesco, *Christus Vivit*, Esortazione Apostolica post-sinodale n. 112). Se é gerativo quando se assume o cuidado dos outros e de suas necessidades, quando se ajuda reciprocamente a colocar-se perguntas sobre a existência, abrindo novamente a esperança ao futuro, quando se colocam juntos os recursos presentes no território e se colabora em algo de belo e de grande, estreitando os liames comunitários.

O Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a Família Salesiana geram vida nos espaços do amor, procurando o bem do outro com ações concretas e autênticas, de ternura e compaixão

“

Gerar não é somente ação biológica, mas antropológica, social e simbólica. Não se limita a colocar no mundo, mas implica em levar à maturidade, é o tomar cuidado (Mauro Giaccardi, Chiara Giaccardi, *Generativi di tutto il mondo unitevi!* (2014). Feltrinelli Editore, Milano).

”

sendo, uns para os outros, presenças significativas de vida bela e solidária.

A geratividade é, pois, um dinamismo que vivifica e continuamente renova, um caminho contínuo, feito de *colocar no mundo* (não só filhos), dar início, em *seguida cuidar*, para que aquilo que foi gerado ou ajudado a nascer possa florir e, finalmente, *deixar partir*, confiando na capacidade do outro de poder ser gerativo por sua vez (Chiara Giaccardi). Continuando a trabalhar para fazer crescer, para fazer estar-no-mundo, se constrói a vida gerativa. E “onde se cria uma obra, se continua um sonho, se planta uma árvore, se coloca uma criança no mundo, lá atua a vida e se abre um novo horizonte na obscuridade do tempo» (Herman Hesse).

Entrevista com Laura Avila, Ex-aluna delle FMA - Messico

No mundo contemporâneo, com tua experiência de ex-aluna FMA, como e onde se é gerativo no coração deste mundo?

«A minha reflexão sobre o como ser gerativos hoje, é primeiramente na família onde se semeia esperança e alegria no cotidiano, vivendo a vida com simplicidade e harmonia e reencontrando tempos para oração e o encontro pessoal com o Senhor. E, também, colocando em prática os ensinamentos de Jesus: «tive fome e me deste de comer, tive sede e me deste de beber; eu era estrangeiro e me hospedastes» (Mt 25, 31-46): reconhecendo-o no irmão migrante, consolando aqueles que perderam seus familiares na pandemia, acolhendo as pessoas mais marginalizadas, sobretudo os jovens, com gestos concretos de benevolência e de cuidado».

A União dos Ex-alunos (as) se empenha na promoção da cultura da vida. Quais são os sinais desta cultura impregnada de Carisma Salesiano?

«Esta pergunta me enche de alegria e esperança! Na realidade atual os progressos científicos e tecnológicos têm trazido mudanças e inovações para melhorar a vida, aliviar os sofrimentos, curar as enfermidades. No entanto, no mundo, se continua a lutar pelos direitos humanos que nem sempre são respeitados. Como Associação nos empenhamos em promover a cultura da vida favorecendo o respeito pela mulher e pela dignidade humana; vivendo o espírito de família, a colaboração ativa com os diversos movimentos eclesiais ou as associações de caridade e a participação na vida pública como exercício de uma cidadania evangélica».



■ Geratividade, profecia da Vida Consagrada

A geratividade é a essência da formação, porque transforma e contribui para a realização da pessoa; promove-a fornecendo-lhe possibilidades para vida. A generatividade é a força interior, natural para mudar, modificar algo da vida consagrada e missão. A profecia é fruto da geratividade. *Somos profetas se formos gerativas!*

Entrevista com Pina Del Core, FMA

No contexto contemporâneo há muitos desafios para a vida consagrada. Que cenário formativo emerge e que horizontes gerativos interpelam o Instituto das FMA?

«Muitos são os desafios à vida consagrada na complexidade no mundo contemporâneo, neste momento histórico de emergências em todos os níveis. A *mega crise* que se abateu sobre a humanidade a partir desta pandemia está sacudindo em profundidade o mundo todo e não se conhecem quais serão os êxitos, os resultados sobre as pessoas e as instituições, sobre as dinâmicas sociais, econômicas e políticas. Também a vida consagrada é fortemente interpelada e passa, também ela, a viver um tempo de prova. Desafiar a complexidade em uma época de grandes incertezas e gerir o turbilhão incontrolável das mudanças culturais com as consequentes implicâncias sobre escolhas e sobre estilos de vida é uma tarefa árdua e de risco. Cada escolha, educativa ou pessoal, carismática ou formativa tornou-se mais difícil e problemática e não é

fácil discernir ou tomar decisões para o futuro sempre mais imprevisível. Somente juntos, como exorta Papa Francisco, poder-se-á sair da emergência que se tornou *existencial* e *espiritual*. Temos necessidade de encontrar Alguém ou alguma coisa que nos ajude a enfrentar juntos riscos e perigos, angústias e medos, que nos encoraje a não perder a esperança, mas a permanecer confiantes, cuidando reciprocamente, uns ao lado dos outros, dando espaço a novos significados do viver, a novos projetos e desejos. O desafio maior para a vida consagrada, então, e em particular para o Instituto das FMA, com seu peculiar carisma educativo, é o de *voltar a ser “comunidades gerativas”*; a reaprender a gramática das relações, a reencontrar um novo paradigma que nos faça viver e trabalhar juntos em nome do Evangelho, a serviço da vida dos jovens, especialmente dos menores e mais pobres.

Quê significa e o quê comporta concretamente o *sermos generativas*? Estamos diante de um dos nós mais cruciais do hoje, mas que de modo “sempre antigo e sempre novo” constitui uma das tensões polares em torno das quais se estrutura a vida humana. E é a linha que Papa Francisco está traçando- a partir da *Laudato si à Fratelli Tutti*- como antídoto ao individualismo e ao consumismo das nossas sociedades: o ser em relação, imersos em redes de relações, necessitados uns dos outros, como família, como comunidade, como povo, reciprocamente coligados por liames sociais e de pertença, solidários e abertos ao amor de Deus, Pai de todos. *Sermos gerativas*, como pessoas, como comunidades, comporta não só a transmissão de vida e de valores que dão sentido à vida. Gerar não é somente uma ação biológica, mas se estende a todos os âmbitos do humano.

Ser gerativas comporta não só a *geração do novo*, a flexibilidade diante da complexidade social, mas, sobretudo, a capacidade de deixar um sinal no mundo, através do cuidado e da preocupação ativa em favor das novas gerações, criando e deixando em herança novas fontes de significado e de valor. A *geratividade*, característica típica da pessoa adulta e madura, é descrita pelo psicólogo E. Erikson como a capacidade de criar novas vidas e levá-las ao desenvolvimento da própria personalidade, com condição de destacar-se de quem a gerou; e ainda de produzir e dar vida a obras de engenho e de coração, essas também capazes de conduzir à maturidade, isto é, com condições de subsistir e seguir em frente, também sem aquele(a) que a criou: o homem se torna assim “pai” e a mulher “mãe”, em sentido físico e espiritual. Olhando para o futuro o adulto amplifica dentro de si o desejo de contribuir para o crescimento dos outros e da sociedade oferecendo a sua contribuição pessoal e assumindo a responsabilidade em relação à humanidade, mediante

o cuidado, o interesse, o investimento dos próprios recursos e energias. E isto não somente em relação àquilo que gerou ou construiu. A *geratividade*, para Erikson, é especialmente a preocupação de criar e dirigir uma nova geração. Neste sentido ela se contrapõe à *estagnação*, isto é, à volta sobre si mesmo, sem alguma utilidade para os outros e para a sociedade; se contrapõe à *autorreferencialidade*- que é sempre estéril. A *geratividade* absorve em si as características da procriação, da produtividade e da criação e, portanto, a capacidade de gerar novos indivíduos, novos produtos e novas ideias, inclusive um tipo de poder auto gerativo relativo ao ulterior desenvolvimento da identidade» (Erikson, 1987, 85).

Como formar-se e formar para “ser gerativo (a) no coração do mundo”?

«O tempo novo e inédito que estamos vivendo nos prospecta um futuro repleto de interrogações e incógnitas, mas também de oportunidades. Quais são, portanto, as *prioridades educativas* a adquirir para fazer com que as novas gerações possam crescer marcadas profundamente por esta difícil emergência? Que *linguagens* e que *recursos* ou *processos educativos* seguir para repensar a formação e reorganizá-la em torno do paradigma da *geratividade*?

Nos cenários formativos futuros e de inovação da vida consagrada feminina salesiana a geratividade representa a essência da formação enquanto transforma a pessoa na direção do dom de si em vista de uma fecundidade que vai além de si mesma. Quem por vocação se ocupa de educação, aprende da vida que educar é gerar, é apostar no futuro, é a capacidade de descobrir ou criar potencialidades nas novas gerações, é um processo gerativo, aberto à novidade, é ato criativo fundado na esperança.

A formação, que por sua natureza é *transformativa, gerativa* enquanto cria na pessoa um dinamismo alargado que move e faz convergir recursos e capacidades adormecidas e escondidas, tornando-a capaz não só de fazer emergirem novas projetualidades, mas de imaginar e prefigurar o futuro, de construir pontes e alianças com os outros, com a realidade e com Deus. A *geratividade* coloca, assim, as bases da cooperação, da confiança, do sentido partilhado.

E para que a formação possa se tornar instrumento sempre mais qualificado para aumentar a *generatividade* das nossas vidas na comunidade global é necessária a presença de uma *autoridade gerativa*, questão-chave para a formação. Saberemos acolher este desafio? Nesta prospectiva relookemo-nos em caminho para uma reflexão e pesquisa partilhada, para quê com o auxílio do Espírito Santo possamos individual *percursos e estratégias formativas* para uma nova e regenerada missão educativa».



“

Os seres humanos vivem no mundo habitando.

(Carla Danani, “*Abitanti, di passaggio. Riflessioni filosofiche sull’abitare umano*” (2013), Editore Aracne, Roma).

”



“

O homem habita sempre, dá forma sempre ao espaço, transformando-o em lugar.

(Silvano Petrosino, filósofo).

”

■ Geratividade social

“Gerar é mais do que dar a vida; Significa dar-lhe um sentido mais íntimo, graças à comunicação imediata e gratuita de uma pertença comum ao gênero humano [...]. Reconstruir a corrente que liga no tempo e no espaço a outros seres humanos é importante para poder habitar na história da qual somos interlocutores e coautores; é o anel de conjugação que une as pessoas em uma respiração mais ampla que é o caminho da humanidade” (Pacucci, M. (2005). *Dizionario dell’educazione*. Bologna EDB, p. 553).

A geratividade é uma força e uma energia que leva para além de si mesmo, que multiplica as energias para responder às necessidades da humanidade. “É a experiência da *ultrapassagem*, isto é, daquela que não é uma medida estreita do contrato no qual se definem bem os direitos e deveres, mas é aquele gastar-se sem medida - a medida do amor é sem medida (Santo Agostinho) - no qual, esquecendo-se de si, experimenta-se a plenitude do amor e da doação» (Chiara Giaccardi, Mauro Giaccardi, *Nella fine è l’inizio. In che mondo vivremo* (2020). Editrice Il Mulino, Bologna).

Geratividade significa dar vida a algo que vai além do presente, que serve a outros e à sociedade porque diz respeito às gerações futuras. Tra-

ta-se da capacidade de incidir positivamente na vida de outros seres humanos. É “a transmissão geracional daquilo que tem valor» (Erik Erikson). Consequentemente, a geratividade constitui o componente principal da riqueza de sentido e de satisfação na vida. No DNA de cada instituição, centro social, é explícita a vocação a fazer crescer o sentido da socialidade no interior do território e a favorecer processos de inclusão que compreendem a coletividade na sua inteireza e pluralidade.

A **geratividade social** é, de fato, aquele movimento da vida capaz de produzir novas formas (econômicas políticas sociais) das quais as novas gerações possam angariar benefícios em termos de *capacitação* pessoal e contextual. Uma comunidade madura uma identidade coletiva plural e duradoura se declina da socialidade em termos projetuais de modo a promover a busca de uma qualidade de vida solidária e a favorecer o desenvolvimento de novos paradigmas de *cidadania ativa* que privilegiem o convívio das diferenças e da comunhão.

Neste sentido, no dinamismo entre indivíduo e sociedade, funções e significados, a geratividade social representa a possibilidade de dar vida ao novo imaginário e a novas práticas de crescimento econômico, social e humano.

Elena Granata arquiteta e urbanista no livro “*Biodiversity*.

Città aperte, creative e sostenibili che cambiano il mondo” sugere partir da cidade. Hoje as cidades consomem os 75% dos recursos naturais; e justamente por isto, são os laboratórios possíveis para repensar uma mudança ecológica que se traduza em mudança de paisagem, de conexão cidade-campo, de remendos de espaço e de comunidades.

A vida se desenvolve na intimidade com o espaço, além de que com o tempo. Ousando estradas novas, se pode pensar em uma mudança de paradigma que encontra justamente no habitar o seu fulcro. Uma transformação positiva da sociedade é possível a partir das formas do habitar, porque elas têm a ver com o cotidiano e com aquilo que se faz. O habitar, coincide com a própria existência do homem; significa cultivar, guardar, criar, elaborar e, sobretudo cuidar das relações, conversações, vivências e experiências.



A *Community dell’abitare collaborativo (cohousing.it)* nasce na Dinamarca nos anos 60 e hoje está presente na Suécia, Noruega, Holanda, França, Estados Unidos, Canadá, Austrália, Japão e Itália. Sua missão é aquela de viver de modo colaborativo e sustentável, unindo as famílias que desejam

melhorar sua qualidade de vida através de relações felizes, estáveis e duradouras, vivendo em contextos abertos e colaborativos. Habitar em cohousing significa viver segundo um estilo de vida qualitativo, em equilíbrio entre autonomia da casa particular e a socialidade dos espaços comuns, dentro de ambientes co-projetados pelas pessoas e com as pessoas que os habitarão.

Il **Villaggio Solidale di Mirano** (VE - Italia) é um projeto de *casa social*, que envolve cerca de 100 pessoas de todas as faixas etárias e oferece acolhida temporária a pessoas que vivem em situações de dificuldades socioeconômicas, de fragilidade, de marginalização e exclusão social, anciãos, famílias, mães sozinhas com seus filhos, pessoas com distúrbios psicológicos mas também pessoas com trabalho temporário que provêm de outras cidades e procuram o espaço acolhedor para habitar. É um habitacional, educativo gerativo, baseado em relações, respeito e auxílio recíproco. As pessoas em dificuldade que são acolhidas no *Villaggio Solidale* têm a oportunidade de reconstruir o próprio percurso de vida mirando a uma maior autonomia e serenidade. Todo cidadão participa da vida do *Villaggio Solidale*, utilizando os espaços, estabelecendo relações com os habitantes e colaborando

em iniciativas e propostas. Inseridos na história e no território é possível *serem gerativos* de uma sociedade mais justa, solidária e inclusiva.

A geratividade como “*força dinâmica que nos leva para além de nós mesmos e nos faz realizar coisas de que não nos considerávamos capazes*”; é um chamado “*a descobrir a vocação a sermos fecundos e a levarmos uma nova contribuição ao mundo para o bem comum*”. (cf Suor Yvonne Reugoat, *La generatività come profezia oggi*. Circolare 1002).

ABITARÈGENERATIVO

O *Abitarègenerativo* é uma ação socialmente orientada, criativa e responsável, que impacta positivamente nas formas de produzir, de inovar, de **habitar**, de organizar, de investir **gerando** nova vida.

**O habitar aberto à nova vida,
que inclui e partilha
que gera relações e liames duradouros
que sustenta a família,**

**as escolhas de maternidade e paternidade
que favorece o trabalho em todas as suas formas,
que dá lugar ao cuidado, auxílios, aos anciãos, às fragilidades
que se nutre de cultura e de beleza.
O habitar sustentável, amigo do ambiente.**

Abitarègenerativo é ter um olhar novo que leve a habitar o quarteirão, as cidades, as periferias, o mundo. (cf: <https://www.eone-srl.it/>).



GERATIVIDADE



Vantagem ou liberdade?

Mara Borsi, FMA
mara@fmails.it

Seduzido pelo imperativo da retomada econômica e do seu crescimento, muitos países estão impondo pesados cortes aos estudos humanistas e artísticos, em favor de habilidades técnicas e conhecimentos práticos- científicos, uma tendência que leva a descuidar o cuidado de habilidades indispensáveis à formação de cidadãos responsáveis. Se esta linha continuar diz Marta C. Nusbaum, filósofa estadunidense- as diversas sociedades ficarão privadas dos anticorpos necessários para prevenir degenerações totalitárias e crescentes desigualdades.

Estão em andamento grandes mudanças nas programações das sociedades democráticas e pouco se reflete sobre tais mudanças. Voltados ao interesse de superar a crise mundial causada pela Covid-19, os estados e seus sistemas escolares estão colocando em segundo plano os saberes indispensáveis para manter viva uma democracia. Em um momento em que as nações devem realizar cortes para

manter a competitividade no Mercado Global, as ciências humanas e as artes, consideradas não essenciais pelos políticos, desaparecem dos currículos, das mentes e dos corações dos pais e dos filhos.

A tendência à vantagem, ao lucro, conduz a classe política a pensar que a ciência e a tecnologia sejam de crucial importância para o futuro de seus Países. Por certo não se trata de renunciar ao alargamento de fronteiras em relação a estes setores, mas é preocupante que outras capacidades igualmente importantes corram o risco de se perderem no turbilhão da concorrência, habilidades necessárias para a saúde da democracia e para a criação de uma cultura mundial e de um robusto modelo de cidadania global com condições de enfrentar com com-

petência os mais urgentes problemas do planeta. Trata-se de capacidades associadas aos estudos humanistas e artísticos: a capacidade de pensar criticamente, de ir além das pertencas locais, para olhar os problemas como cidadãos do mundo, de retratar-se simpaticamente na situação do outro.

■ O pensamento crítico

Aqueles que defendem o desenvolvimento baseado no crescimento do “produto interno bruto” estão certos de que o crescimento econômico irá trazer saúde, instrução, diminuição das desigualdades sociais, teses que, em muitos casos, não se revelam verdadeiras. Produzir desenvolvimento econômico não significa produzir democracia, nem mesmo ter uma população sadia, ocupada, instruída, nem criar oportunidades e uma boa vida ao alcance de todas as classes sociais. O desenvolvimento baseado no P.I.B. traz consigo uma visão da instrução voltada para o lucro.

O antídoto a este modelo é o pensamento crítico. A liberdade de pensamento dos estudantes é perigosa quando aquilo que se persegue é um grupo de trabalhadores obedientes e profissionalmente preparados, com condições de realizar os projetos de um grupo que aposta nos investimentos estrangeiros e no desenvolvimento tecnológico. Constata-se que no mundo a instrução voltada ao crescimento econômico corta os programas nas artes e nas disciplinas humanistas, em favor das matérias técnicas.

É importante ter presente que um dos contributos das artes à vida das pessoas é o de reforçar os recursos emocionais e imaginativos, isto é, a capacidade da compreensão de si mesmo e dos outros. As artes pedem à imaginação que vá além dos confins do existente, que veja a realidade em modo novo. Alternativo ao desenvolvimento baseado no P.I.B. é o desenvolvimento humano. Neste paradigma o que é realmente importante são as oportunidades ou capacidades que cada pessoa tem em âmbitos fundamentais como a vida, a saúde, a integridade física, a instrução, a liberdade e a participação política. Tal modelo de desenvolvimento reconhece a todos os indivíduos uma inalienável dignidade que deve ser respeitada e tutelada por leis e instituições. Se uma nação quer promover uma

democracia humana e sensível ao outro, é chamada a oferecer a cada indivíduo as justas oportunidades de vida, liberdade e busca de felicidade, cultivando através da educação as necessárias competências.

■ As habilidades para uma cidadania global

Quais são as habilidades cultiváveis com uma boa educação para uma adequada cidadania global? O pensamento crítico é fundamental para uma boa cidadania, sobretudo em uma sociedade que deve levar em conta a presença de pessoas diferentes por etnia, classe social e religião.

Haverá possibilidade de diálogo entre mundos culturais diversos se os jovens cidadãos forem capazes de entrar em contato com o ponto de vista dos outros e tomarem decisões partilhadas. Isto pode acontecer desde que aprendam a colocar-se em discussão, a repensar criticamente aquilo que lhes é dito e colocar à prova a própria lógica e imaginar possíveis alternativas.

Os estudantes treinados no pensamento crítico aprendem, ao mesmo tempo, uma nova atitude para com aqueles dos quais discordam, começando a vê-los como interlocutores e como pessoas que têm motivos para sustentar outra opinião. Através da reconstrução da argumentação de outrem, poder-se-á compreender melhor de onde nascem as diferenças. É evidente que isto humaniza a outra parte, à qual se reconhece uma racionalidade que permite partilhar pensamentos. Assumir a responsabilidade dos próprios raciocínios e a troca de ideias com outro, em uma atmosfera de mútuo respeito pela racionalidade de cada um são essenciais para atuar em meio à diferença em situações nacionais e mundiais sempre mais polarizadas por conflitos étnicos e religiosos.

Junta-se ao pensamento crítico, a capacidade de ver a si mesmo como membro de uma nação heterogênea e membro do mundo, unida à compreensão da história e das características dos diversos grupos que a habitam. Assim sendo, desde a mais tenra idade, é necessário que os estudantes amadureçam uma relação diversa com o mundo que lhes permita compreender gradualmente, por um lado, as diferenças que tornam difícil o diálogo entre os grupos e as nações e, por outro, as necessidades, os



problemas e os interesses comuns. Esta compreensão do mundo promoverá o desenvolvimento humano somente se for embebida por um pensamento crítico sobre as desigualdades de poder e de oportunidade, pensamento este que irá orientar também o ensino da história. Assim, as tradições e as religiões serão ensinadas com uma particular atenção à promoção do respeito para com as pessoas, considerando todos os cidadãos do mundo iguais e dignos de oportunidades econômicas e sociais. Todos os jovens cidadãos do mundo são chamados a dedicar-se ao aprofundamento de uma tradição que lhes é estranha para refletir e aprender que as diferenças de religião, de etnia e de gênero são conectadas a diversas oportunidades de vida. Todos, pois, são convidados a conhecer bem uma língua estrangeira: a consciência do fato de que há muitos modos de olhar o mundo e que cada tradução é uma interpretação, pode oferecer uma importante lição de humildade cultural.

■ Sentir com os outros

A *imaginação narrativa* é a capacidade de se colocar na situação de outra pessoa para ser um leitor inteligente de sua história e para entender suas emoções e seus desejos. Cultivar a compreensão é um elemento-chave, pois a imaginação moral, sempre ameaçada do medo e narcisismo, é destinada a se tornar obtusidade se não for constantemente

te afinada e cultivada através do desenvolvimento da compreensão e da consideração em relação ao outro. Aprender a ver um ser humano como uma pessoa e não como uma coisa, não é uma aquisição automática: é preciso promover uma educação que afine a capacidade de identificar-se e de aceitar conscientemente a impossibilidade de colher totalmente o mundo interior de outra pessoa. Esta capacidade sustém o pensamento crítico e é, por sua vez, alimentada pelos estudos humanísticos artísticos. São estes estudos que permitem aos educadores cultivar o olhar interior dos estudantes. A educação artística é unida à educação do cidadão do mundo uma vez que as obras de arte são frequentemente meios inestimáveis para começar a entender as conquistas e os sofrimentos de uma cultura diferente da própria.

O desencontro de civilizações é, primeiramente, um desencontro no interior do ser humano entre aidez, narcisismo, amor e respeito. Uma boa educação tem o dever de combater as forças portadoras de violência e de desumanização, promovendo culturas de respeito e de igualdade.

É necessário ter bem presente que as ciências humanas e as artes tornam o mundo digno de ser vivido, educando as pessoas para que olhem os outros como iguais, e as nações para que superem o medo e a desconfiança a fim de cultivarem um diálogo animado pela razão e pela compreensão.



O MESTRE E A ESCOLA SOBRE TRILHOS

Em uma estação ferroviária, em um espaço deserto na fronteira entre México e Estados Unidos, há um trem que não vai a parte alguma e, no entanto, leva a todo lugar. No seu interior não há compartimentos, mas bancos de madeira e um quadro. Na parte externa está escrito com grafia incerta: *Escola Artigo 123*.

É um dos vagões-escolas, instituição do governo mexicano, para os operários das ferrovias e os trabalhadores braçais; são escolas ambulantes, montadas dentro dos trens para famílias nômades, sempre em viagem na colocação de trilhos ou trabalhos nos campos. *Ikal* tem 11 anos e sonha em tornar-se professor. É amigo de *Chico*; conta os trens que passam em *Tuerto*; é secretamente namorado de Valéria e vive mil aventuras

com o seu cão Quetzal. Suas faces imortalizadas em uma foto em branco e preto aparecem em um fascículo da *Direção Geral de Educação* na escrivaninha do Inspetor chefe *Hugo Valenzuela*.

Ernesto, o antigo mestre da escola, está para se aposentar e alguns políticos querem aproveitar a situação para arquivar *definitivamente o modelo educativo considerado inútil e antiquado*.

Hugo deve decidir se aprova o fechamento. Em uma viagem no passado que colocará em risco também o futuro, descobrirá que há coisas que deixam traços indelévels... Como o primeiro amor ou o professor que, com paixão e coragem, toma pela mão e acompanha a vida. (*La scuola sui binari*, de Ángeles Doñate)

Fecundidade: sinal de uma vida

Giulia Paola Di Nicola - Attilio Danese

danesedinicola@prospettivapersona.it

Ainda hoje, as pessoas em geral, ouvindo a palavra fecundidade pensam exclusivamente em filhos naturais, porém, ultimamente, para as novas gerações procriar não é dado como certo devido ao prolongar-se dos estudos, a não fácil busca de uma autonomia econômica, à tendência a adiar o empenho do casamento.

Muitas jovens mulheres descobrem tarde que já passou o tempo de sua fecundidade natural. Algumas aceitam de boa vontade o impedimento da idade, outras estão determinadas a não cuidar de crianças, muitas enfim, se colocam na fila para tentar a possibilidade de ter um filho, de qualquer maneira e a todo custo. Parece, pois, urgente difundir uma cultura que amplie o sentido e a vivência da fecundidade e transmita o conceito de geratividade como sinal, como expressão de uma vida.



No núcleo da geratividade humana há um código materno, como capacidade de amar e sofrer por alguém, para realizar-se plenamente. A pessoa que sabe amar se realiza mesmo sendo a mais desconhecida e menos influente do mundo, porque o amor gera frutos positivos em torno de si. Na Encíclica “*Fratelli tutti*” Papa Francisco acentua o amor aos desconhecidos e declara beato aquele que ama o próximo “distante ou próximo de si”. Ele propõe « reconhecer e amar toda pessoa, para além da proximidade física, do local onde nasceu ou onde habita»

(Papa Francesco, *Lettera Enciclica Fratelli tutti. Sulla fraternità e amicizia sociale*, Città del Vaticano - Roma, 2020, n. 1). Indica São Francisco como modelo de amor universal «Francisco não fazia guerra dialética impondo doutrinas, mas comunicava o amor de Deus. Havia compreendido que Deus é amor; quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele» (FT, 4). Para os noivos e os esposos, porém, nem sempre é fácil compreender como o mandamento do amor universal se conjugue com a escolha que o matrimônio impõe de dedicar a vida, em

primeiro lugar a uma única pessoa. É convicção corrente que a capacidade de amor universal seja prerrogativa de quem escolhe a consagração virginal ou o sacerdotal enquanto, pelo contrário, quem se casa estaria impossibilitado de amar a todos e, conseqüentemente, tenderia a fechar-se no circuito do casal, dos filhos, nas famílias de origem, a envolver-se no calor dos afetos mais seguros ocupando-se principalmente dos próprios interesses, fechando as portas aos “estranhos”, aos não consanguíneos e aos desconhecidos. É o que o povo traduz com a expressão: “dois corações e uma cabana”.

Amor universal

«[...] Não Posso reduzir minha vida à relação com um pequeno grupo e nem mesmo à minha família, porque é impossível entender a mim mesmo sem um tecido mais amplo de relações. Minha relação com uma pessoa que estimo não pode ignorar que ela não vive só por sua relação comigo, nem eu vivo somente relacionando-me com ela. “Nossa relação se é sadia e autêntica nos abre aos outros que nos fazem crescer e nos enriquecem» (FT, 89). Papa Francisco nos previne contra um tipo de egoísmo de grupo: «a ligação do casal e de amizade é orientada a abrir o coração ao entorno, a tornar-nos capazes de sair de nós mesmos até ao acolhimento de todos. Os grupos fechados e os casais autorreferenciais que se constituem como um “nós” em contraposição ao mundo

todo, frequentemente são formas idealizados de egoísmo e de mera autoproteção» (FT, 89). Além disso, após os primeiros tempos de encantamento, o casal constata que o fechamento aos outros se deteriora até apagar o próprio amor. É, porém, também verdadeiro que o amor indiscriminado por todos pode ser imprudente e fazer que uma comunidade se transforme em aglomerado, negócio, massa. Se o risco para um casal é dobrar-se sobre si mesmo, a questão de amar a todos pode levar ao risco de amar superficialmente e só com palavras.

O amor não se avalia em base à quantidade de pessoas que envolve. Simone Weil aprofundou esse aspecto opondo-se à desvalorização do amor de amizade e conjugal somente porque se dirige a uma só pessoa. «A amizade consiste no amar um ser humano como se desejaria poder amar em particular, a cada um que compõem a espécie humana. Como um geômetra olha uma figura particular para deduzir as propriedades universais do triângulo, do mesmo modo, aquele que sabe amar

dirige a um ser humano particular um amor universal. O consenso em relação à conservação da autonomia em si mesmo e no outro é essencialmente algo de universal. Desde que se deseje esta conservação, relativamente a mais de um só ser humano, igualmente se deseja esta mesma conservação em relação a todos os seres» (Simone Weil, *Attente de Dieu*, 1977, cit. 205).

Mais recentemente *Michel Pochet*, evidenciando a unidade e a diferença entre as diversas vocações, declinou da validade e dos limites de cada escolha, fugindo assim da avaliação do amor em desvantagem do casal: «Parece-me que há duas dimensões do amor que atraem profundamente, mesmo inconscientemente, a cada pessoa. O amor "absoluto" e o amor "universal". Deus é capaz de um amor absoluto, isso é, capaz de amar cada pessoa como se fosse a única. Mas, ao mesmo tempo, assim o faz com todos. O seu é, em sentido pleno, um amor ao mesmo tempo absoluto e universal [...]. De um lado um amor absoluto, a possibilidade de amar com todo o coração, toda a mente, todas as forças, para sempre, fielmente, um homem ou uma mulher no matrimônio. Porém o coração humano tem um si também o desejo de ser todas as coisas, de abraçar tudo, amar a todos...

caso contrário não seria um amor realmente universal [...]. A pessoa que sente essa dupla tensão pode entrar em uma crise muito grave, porque percebe que não é possível viver as duas tensões contemporaneamente.

Os seres humanos se sentem chamados preferencialmente a outra estrada. É uma perda para uns e outros, porque desejaríamos amar a todos de modo absoluto, mas não é possível. Cada um deve discernir qual é o seu chamado diante destas duas possibilidades» (E. Cambon, *Verginità e bellezza*, entrevista a *Michel Pochet*, in «Gen's», 4/5 (1996), 115-119).

■ Gerar vida boa

Para todos, a capacidade de ser fecundos e de gerar vida boa depende da capacidade de amar e esta disposição se realiza de modo diverso nas diferentes vocações. Os noivos são chamados a ser quais refinados cinzeladores nas relações afetivas. A atração amorosa se aperfeiçoa no tempo, tornando a comunicação com o(a) companheiro(a) de viagem sempre mais fiel, terna e profunda. A partilha das exigências da vida de cada dia como também dos grandes eventos ensina a não desvalorizar os momentos de dificuldades e conflitos, que se reciclados, aperfeiçoam o amor evitando o risco de reduzi-lo à rotina, ao paternalismo, à companhia, ao prazer, à boa educação.

A carícia, com cumplicidade, o perdão, a união dos corpos geram o sorriso, aliviam o sofrimento, regeneram a esperança, como se transmitisse a própria carícia de Deus que se faz presente de algum modo, mesmo quando não é explicitamente invocado. A linguagem do corpo não é importante somente para os esposos: «São necessárias expressões físicas do rosto, dos silêncios, da linguagem corporal, e até do perfume, do tremular das mãos, do enrubescimento, do suor, porque tudo isto fala e faz parte da comunicação humana» (FT, 43).

«Serem todos irmãos exige dos esposos a convicção de estarem unidos porque filhos do mesmo Pai, mas não fotocópias um do outro; sugere equilibrar proximidade e distância, presença vigilante e capacidade de se retirar quando se percebe que a própria presença pode ser invasiva e incômoda. É preciso aprender a reconstruir aquele equilíbrio sempre instável entre vizinhança e distância, entre condescendência e

defesa da dignidade, entre excesso de silêncios e de palavras, entre o risco de sobrecarregar o outro e o de conformar-se sempre com ele.

A distância entre o eu e o tu é marcada não só pelo corpo, pelos interesses, pela sensibilidade, pelas famílias de origem, mas também pela vocação única de cada um, que seguida, realiza a cada um plenamente em si mesmo e dá estabilidade ao matrimônio. A tentação de dirigir o outro, de querê-lo belo e bom igual a si é forte e prepara desilusões com consequências também em nível de doenças psicossomáticas, como a depressão e a neurose. Para viver como irmãos, os esposos precisam respeitar a alteridade do outro amando-o com seus valores e defeitos, aceitando o seu poder de "roubar o tempo", inquietar, contradizer, ferir. Aquele tu não é um outro virtual, a ser educado, vencido. É aquele que é na sua unicidade: «somente o homem que aceita aproximar-se das outras pessoas no respeito ao seu próprio movimento- não para envolvê-las no próprio ritmo, mas para ajudá-las para que sejam mais "elas mesmas"- se faz realmente pai» (FT, 4).

É preciso o empenho dos casais para conhecer, respeitar e valorizar os talentos e as propensões específicas do outro e as próprias, em campo profissional, artístico, espiritual, contribuindo assim, ao bem de cada um dos dois, do casal, dos filhos e da sociedade. O amor não consente aprovações: há quem deseje dedicar as próprias energias à arte, quem tem a propensão para o esporte, para a solidariedade, para a política; quem pretenda empenhar-se no acolhimento ou na adoção, quem será totalmente absorvido pelo cuidado de um filho menos hábil ou de um ancião terminal.

O mundo vive da variedade de suas cores, de uma beleza plural: «o futuro não é "monocromático", mas se tivermos coragem, é possível olhá-lo na variedade e na diversidade dos aportes que cada um pode dar» (FT 99). A família humana precisa aprender a viver junto, acolhendo a diversidade e transformando-a em harmonia e paz.



À escuta das raízes

Maria Rossi, FMA

rossi_maria@libero.it

Quem leu a Encíclica *Fratelli tutti*, talvez esteja pensativo diante da insistência do Papa Francisco a respeito da importância das raízes, recomendando aos jovens que não ignorem a história porque se alguém assim o sugere é porque «os quer vazios, desenraizados, desconfiados de tudo e submissos aos seus planos» (FT, 13). E sublinha que «isolar as pessoas idosas [...] leva a privar os jovens do necessário contato com suas raízes e com a sabedoria que a juventude sozinha não pode atingir» (FT, 19). Insiste ainda dizendo que «não há maior alienação que a experiência de não ter raízes, de não pertencer a ninguém. Uma terra será fecunda, um povo dará frutos e estará em condições de gerar futuro somente à medida que der vida a relações de pertença entre os seus membros, à medida que criar laços de integração entre as gerações e as diversas comunidades que a compõem» (FT, 53).

Raízes fazem pensar em vegetação, em árvores. As árvores, abraçadas com as raízes à terra, se elevam eretas, erguendo os braços para o céu e para o horizonte. Cobrem-se de folhas, de flores, de frutos. Iluminam-se ao sol e tremulam ao vento. Oferecem acolhida, sombra restauradora, beleza, nutrição e outras coisas mais. São consideradas amigas da humanidade que, por séculos, vive em simbiose com elas.

A árvore, pela posição ereta, a forma e a vida que a caracteriza é considerada símbolo do homem. Uma vasta literatura inerente às religiões e às culturas tradicionais atesta como

o aspecto simbólico da árvore tenha se desenvolvido e contribuído e ainda hoje contribui em favor da vida das populações. Também na Bíblia se fala da árvore do conhecimento do bem e do mal.

No século passado alguns estudiosos intuíram como, através de dinâmicas inconscientes, as pessoas se identificam com a árvore, se projetam naquela forma vertical que recorda a sua posição ereta, a vida, o entusiasmo vital, a força e a segurança. Pesquisas científicas cuidadosas confirmaram a validade da intuição. O psicólogo suíço *Karl Koch*, seguido mais tarde por outros, elaborou uma interes-

sante e rica simbologia seja a respeito do como alguém se coloca no espaço da folha quando desenhando a árvore projeta a si mesmo, seja como descreve as partes, isto é, o tronco, os ramos e a copa. O desenho da árvore, pela simplicidade da execução e pela riqueza das informações que oferece a respeito da personalidade de quem a desenha, tornou-se um teste projetivo muito utilizado em âmbito clínico.

Um aceno à simbologia

Muitos elementos da semelhança da vida da árvore com a vida humana são colhidos somente com a observação e a intuição. Um aceno a alguns entre os muitos aspectos da simbologia das partes

da árvore, isto é, do tronco, dos ramos e da copa, pode convalidar a intuição e a observação.

As raízes constituem o sustento da árvore, dão-lhe estabilidade. Abraçam a terra e da terra absorvem a linfa que nutre e dá vida. São o símbolo da relação com a Mãe-Terra, com o próprio passado, com o próprio mundo interior. São o elemento terreno, invisível, o depósito deixado pelas gerações passadas, o arquétipo mais arcaico, a parte mais primitiva, a origem do eu, o inconsciente, os instintos, as emoções.

O tronco. Enquanto a base exprime a ligação entre o passado (as raízes) e o presente, e a relação com o próprio ambiente de origem, o tronco simboliza o eu, isto é, a parte consciente e racional que



media e faz as vezes de ponte entre o instinto e a razão, entre a matéria e o espírito. Alimenta-se da energia, instintiva primordial das raízes, consolida-se, ergue-se para o alto e se completa com os ramos e a copa.

Os ramos e a copa. Sustentados pelo tronco, os ramos se estendem para o alto simbolizando os ideais, as fantasias, as aspirações, o sonho, o céu, enquanto aqueles que tendem para a direita e à esquerda revelam a capacidade e a modalidade de expandir-se, de socializar-se. A copa é a parte mutável. Atingindo a linfa vital que através do tronco escorre nos ramos, ciclicamente, torna-se exuberante, cobre-se de folhas, orna-se de flores que, em seguida transforma em frutos. Entre outras coisas mais, simbologia, aparência, desenvolvimento, fecundidade, leveza, senso estético, finalidade, geratividade.

■ À escuta das raízes

Assim como manter as raízes abraçadas à Mãe Terra é indispensável para a vida, para a estabilidade e exuberância da árvore e, ao invés, ser desenraizado significa perder a vitalidade, a identidade e o tornar-se outro, assim é também para as pessoas e as populações. Manter as raízes abraçadas à Mãe Terra para as pessoas significa aceitarem e permanecerem fiéis às próprias origens, ao próprio passado, ao próprio mundo interior, à sua cultura e também ao patrimônio construído pelas gerações passadas e comum a todos (o inconsciente coletivo, o arquétipo mais arcaico).

Um grave risco para uma vida plena e fecunda é o desenraizamento. Atualmente isto é muito evidente nos migrantes. Separados também fisicamente das próprias origens podem se tornar fáceis presas das máfias, da criminalidade, da exploração e perder, com a identidade, a riqueza original de humanidade de que cada pessoa é portadora.

Outro risco do desenraizamento, menos evidente, mas mais ampliado e perigoso da emigração está presente em uma cultura difusa que se vai impondo e que Papa Francisco chama de cultura do descarte, da indiferença. Acontece, entre outras situações, através do afastamento das pessoas

idosas e leva a “privar os jovens do necessário contato com suas raízes”; através de uma economia, de uma industrialização que além de explorar brutalmente a natureza, vai extinguindo muitas profissões artesanais e cancelando culturas que, embora em seus limites, são portadoras de facetas *diversas* dos grandes valores humanos, *diversidade* que é expressão de uma humanidade não homologável. Nas escolhas do viver cotidiano, também para adultos preparados e de larga visão, não é fácil, não só discernir quais são as raízes saudáveis e necessárias, mas, também, se apegar a elas quando tudo no entorno leva em outras direções. Um perigo mais individual é aquele de deixar envenenar as próprias raízes, colocando-as no terreno do ódio, do rancor, da violência, como também não conseguir aceitar e integrar algum aspecto do próprio mundo interior, alguma vivência sofrida e inconscientemente sentida como inconveniente ou por demais pesada.

Manter as próprias raízes firmemente abraçadas à terra das próprias origens físicas, culturais, espirituais e também carismáticas, significa dar à árvore da própria vida a possibilidade de nutrir-se daquela energia primordial, daquela linfa vital que dá ao tronco, à personalidade, a força e a estabilidade para erguer-se ereta e para sustentar os ramos. Pulverizados pela seiva do tronco, os ramos, os braços se lançam para o Alto em oração e contemplação e para o horizonte, para os outros, para manifestar “relações de proximidade” e de cuidado. Os ramos, além disso, geram folhas exuberantes, flores de beleza, perfume, gratuidade e frutos.

Na adesão à terra mãe, as raízes têm também a possibilidade de nutrir-se daquele *húmus*, daquela humildade que dá força de resistir aos ventos e às tempestades, de aceitar os limites de viver as mudanças regenerando-se e de “*ter confiança nas flores*” que virão (Maria Zambrano, Filósofa espanhola). Novembro passado, à distância de poucos dias, morreram dois grandes atores e artistas: Sean Connery, escocês e Gigi Proietti, italiano romano. O diretor do Observatório Romano, recordando-os com Pier Paolo Pasolini, assim concluiu o comentário em memória deles: «esta foi a força incômoda e escandalosa, de Pasolini, poeta vi-

sionário, ao mesmo tempo profético e popular, assim como foram populares os dois grandes atores falecidos nestas últimas horas; com seu modo introvertido e sorriso cativante, ambos agradavam ao grande público porque possuíam uma consistência, uma densidade, em uma palavra, *uma história, raízes fortes* das quais provinham e graças às quais podiam falar a todos os povos, porque

esta é a arte, o ponto de conexão entre o particular e o universal» (MONDA Andrea, Sean, Gigi, Pier Paolo e il poliedro in *L'Osservatore Romano*, 2 novembre 2020).

Educar é uma arte. E a grande árvore da Família Salesiana alargando os braços sobre o mundo, através da arte da Educação, contribui para a realização do sonho de Deus, do Papa Francisco e do Instituto das FMA de tornar “*tutti fratelli*”.



Cidadania por uma sociedade gerativa

Martha Sêide, FMA
mseide@yahoo.com

No contexto do Capítulo Geral XXIV que nos convida a sermos comunidades geradoras de vida diante da situação desafiante da Pandemia Covid 19, que desestabilizou o mundo; em sinergia com o Papa Francisco que convoca para um pacto educativo global em torno dos temas da ecologia integral, da fraternidade, da economia e da política, esta rubrica se propõe continuar explorando o tema de uma nova cidadania. Uma cidadania que é capaz de habitar e construir uma sociedade gerativa, abraçando a fraternidade como estilo de relação, gerando uma nova economia e promovendo a aliança global por um futuro sustentável.

■ No coração da contemporaneidade

O mundo contemporâneo, em contínua transformação, está vivendo uma reviravolta sem precedentes devido à Pandemia da Covid-19. A emergência sanitária mostrou claramente a fragilidade do modelo da sociedade atual. Os sociólogos C. Giaccardi e M. Magatti, em uma de suas últimas publicações: *“No fim está o início. Em que mundo vivemos”* descrevem a pandemia como o terceiro

choque da crise que atingiu os primeiros vinte anos do século XXI: a primeira, de natureza cultural, deslançada pelo ataque terrorista do 11 de setembro de 2001; a segunda, em 2008, de natureza econômica, para chegar à atual crise sanitária com consequências graves para todos os âmbitos da sociedade. Embora reconhecendo a dramaticidade do momento, os autores definem a pandemia como uma “catástrofe vital”, sublinhando a neces-



sidade de transformar a crise em oportunidade. De fato escrevem que a pandemia deve ser acolhida, por um lado, “como uma lente para ler o nosso tempo e tomar consciência dos nossos limites, das nossas falsas seguranças, da dimensão precária da vida”; por outro lado, “a crise pode ser vista como um telescópio que nos habilita a olhar mais além, com um olhar capaz de alargar o horizonte por um futuro melhor”. Papa Francisco dirigindo-se aos jovens no evento *A economia de Francisco*, disse: “*Não se esqueçam de que de uma crise jamais saímos iguais: saímos melhores ou piores*”. O apelo do Papa é um convite a valorizar a crise para elaborar uma nova cultura que permita aos cidadãos tornarem-se generativos na sociedade.

■ A geratividade, via de transformação social

O tema da geratividade é aplicável a todos os âmbitos da vida: pessoal, familiar, institucional, social, econômico e político. Um dos aspectos transversais é o objetivo de fixar a atenção no valor da pessoa, da vida, das relações, do dom, do cuidado, da liberdade, em uma sociedade sempre mais oprimida pelo consumismo individualista, na qual estão ausentes os sistemas de valores que dão sentido à vida. A geratividade representa a luta contra a estagnação que golpeia as pessoas, as instituições e as organizações. Ela nos impulsiona contra a ideia de uma realidade imutável na qual o sujeito é todo projetado para si mesmo, uma vez que sua linfa vital é a alteridade, é a diferença (Giaccardi e Magatti, 2014). A partir desta perspectiva, a geratividade social é descrita como um novo modo de pensar e de agir, pessoal e coletivo. Ela exprime a possibilidade de um tipo de ação socialmente orientada, criativa, conectiva, produtiva e responsável, capaz de impactar positivamente sobre as formas do produzir, do inovar, do habitar, do cuidar, do organizar, do investir, colocando em tudo uma nova vida» (*Generatività. it*). A que condições se torna possível esse processo de transformação?

■ Apostar na educação

Para elaborar a nova cultura é indispensável aprender a conjugar de modo harmonioso os

verbos típicos de geratividade: *desejar, colocar no mundo, cuidar e deixar partir*. Para além da dimensão biológica, estes verbos são os passos essenciais de toda ação que quer ser gerativa porque são elementos constitutivos da pessoa. Considerados do ponto de vista educativo, estes termos têm um dinamismo interno capaz de gerar novas energias para escrever o inédito da história e enfrentar, de modo novo, as questões sociais. A geratividade representa a essência da educação «enquanto transforma, contribui para a realização do sujeito, não se limita à geração de novos conhecimentos, mas se preocupa em promover o homem, fornecer-lhe possibilidades de vida. Representa o emergir do novo com uma orientação para os valores» (Nadia Dario, 2014).

Educar o desejo

O desejo, diversamente da necessidade, se define como a capacidade de orientar todas as energias para um objeto considerado central para a própria vida. Neste sentido, o desejo expressa a dimensão transcendente da pessoa humana e requer liberdade, capacidade de ver para além do imediato da vida cotidiana. Quando o desejo se confunde com a necessidade, cria situações de insatisfação e de vazios que frequentemente levam a desvios. Eis porque é preciso educar o desejo para ajudar a nós mesmos e às jovens gerações, de um lado para reconhecer a necessidade, de outro para transcender as condições contingentes, as ânsias do momento para tender a algo maior. O desejo, assim, pode ajudar a cultivar a interioridade, a projetar-se no futuro, a ser criativo, a abrir-se aos outros e ao mundo e a radicar-se na esperança, mesmo em situações precárias.

Fazer emergir a energia criativa da pessoa

O segundo verbo do processo de geratividade é o “colocar no mundo”. Trata-se de um ato que dá forma e concretude ao desejo; libera a energia criativa para fazer nascer algo de inédito. Neste contexto, educar corresponde a gerar, enquanto a educação (*educere - trazer para fora*) é a arte de trazer para fora e fazer crescer as potencialidades da pessoa. É um ato emocionante que permite ao outro de existir no esplendor da sua reali-

dade profunda. É um movimento do processo educativo que dura toda a vida e tem uma forte repercussão social, porque se aprende a habitar o mundo, como casa comum, dando a própria contribuição para a transformação das instituições sociais.

Educar-se e educar ao cuidado

Na vida ordinária, o sujeito colocado no mundo deve ser cuidado para viver. Ter cuidado é um ato que faz parte de um processo empenhativo que requer tempo, paciência, gratuidade, amor. Trata-se de um movimento marcado pela reciprocidade, seja em âmbito interpessoal como intergeracional. Neste sentido a geratividade em âmbito educativo tem raízes nos valores herdados das gerações precedentes e se abre ao futuro que se faz responsabilidade no presente, relativamente àquilo que virá depois. Por isto se procura cultivar a confiança e a fidelidade para partilhar não só a vida, mas também os valores, as grandes narrções e os projetos. A atitude do cuidar se esten-

de à esfera ambiental e social que permite viver a solidariedade como virtude moral e social (FT, 14).

Crescer na capacidade de deixar partir

«É grande nobreza sermos capazes de deslanchar processos cujos frutos serão recolhidos por outrem, com a esperança colocada na força secreta do bem que se semeia» (FT n. 196). Esta afirmação do Papa Francisco ilustra muito bem a ideia do deixar partir, na lógica típica dos genitores, mas replicável em âmbito de instituições educativas. Após ter dado à luz, cuidado e ajudado a crescer, é preciso ser disponíveis para deixar a pessoa livre para fazer suas escolhas responsabilmente. Somente assim, ela poderá tornar-se uma pessoa gerativa, capaz de recuperar o sentido autêntico da liberdade entendida na sua dimensão relacional. O princípio do “deixar ir” é também a referência ao bem comum, pela construção de um sólido tecido social.

Magatti afirma que «a nossa sociedade não é uma máquina a ser consertada, mas é um organismo que precisa regenerar-se». E para que este processo aconteça, são necessários cidadãos responsáveis, prontos para intervir de modo capilar em todos os setores da vida social (família, trabalho, economia, política, etc.) investindo prioritariamente na formação das jovens gerações, tornando-as interlocutoras capazes de transformar os ambientes onde se gera seu presente e futuro.



Gerar um mundo aberto

Gabriella Imperatore, FMA

gimperatore@cgfma.org

A chegada de pessoas diversas, provenientes de um contexto vital e cultural diferente, transforma-se em um dom porque “a história dos Migrantes são também histórias de encontro entre pessoas e entre culturas: para as comunidades e as sociedades nas quais chegam, constituem uma oportunidade de enriquecimento e de desenvolvimento humano integral de todos» (Fratelli Tutti, 133). Os migrantes devem ser acolhidos, protegidos, promovidos e integrados.

O outro, diferente de nós, é um dom é um enriquecimento para todos, escreve Papa Francisco, porque as diferenças representam uma possibilidade de crescimento. “Os imigrados, se os ajudarmos a integrar-se, constituem uma benção, uma riqueza e um novo dom que convida uma sociedade a crescer. (FT, 135). Uma cultura sadia é por natureza aberta e acolhedora (FT, 146), sabe abrir-se ao outro, sem renunciar a si mesmo, oferecendo-lhe algo de autêntico. Como em um *poliedro*, o todo é mais do que as partes singulares, mas cada uma é respeitada no seu valor» (FT, 145).

■ Livres para partir, livres para ficar

Todos têm o direito de migrar. Quem parte procura a vida e pode levar vida onde quer que vá. As vivências, temores, as esperanças de quem escolheu ou foi estrangido a deixar a própria nação, migrando para terra distante da própria terra e família para recomençar e iniciar uma nova família, consolidar suas bases, fortalecer suas raízes, dão vida a novas formas de identidade e de pertença, de integração e de unidade. Um coração aberto ao mundo constrói pontes e requer diálogo paciente e confiante, embora grávido de distensões como o é uma parturição. É preciso comunicar, descobrir as riquezas de cada um, valorizar aquilo que une e olhar as possibilidades de crescimento no respeito a todos. É preciso um diálogo gerativo, de modo que as pessoas, as famílias e as comunidades possam transmitir os valores da própria cultura e acolher o bem proveniente das esperanças

de outrem. Há dons recíprocos no intercâmbio cultural das migrações. “A acolhida de uma pessoa diferente caminha a ‘pari passu’ com a possibilidade da mesma se expressar transfundindo a própria cultura naquela do ambiente onde chegou.

«Enriquecendo-se com elementos de proveniências diversas, uma cultura viva não faz uma cópia nem mera repetição, mas integra as novidades segundo modalidades próprias”. “Isso provoca o nascimento de uma nova síntese que, em última análise, beneficia a todos, uma vez que a cultura da qual provêm essas contribuições acaba por ser também enriquecida» (FT, 148).

Uma pessoa e um povo são, portanto, gerativos se souberem integrar criativamente dentro de si mesmos a abertura aos outros. *Fernanda*, migrante da Argentina relata: «A palavra que me identifica é “*mescla*”, é mistura. Venho de uma terra colonizada, conheci tantíssimas pessoas. Viajei. Visitei lugares fantásticos. Tenho amigos. Trabalhei muito, também duramente, para ganhar o necessário para viver. Aprendi também que eu “sou as minhas raízes” não importa para onde vou ou quanto me integro, ou me adapto, porque nossas origens nos pertencem sempre, nós a levamos conosco onde quer que estejamos. Aliás, tanto mais nos afastamos das nossas origens, mas as encarnamos. Permaneça você mesma, agarrada às suas raízes, mas abra-se aos outros para levar vida a uma nova história de salvação. É belo porque você não está sozinha e se torna mais rica justamente nesta diversidade».

■ Gerar humanidade

A solidariedade gera cultura, visão da vida, valores partilhados. É preciso mergulhar na profundidade para entender as necessidades e aquilo que se pode fazer. “Ninguém pode permanecer excluído; não importa onde tenha nascido; e contam menos ainda os privilégios que outros possam ter por nascerem em lugares com maiores possibilidades. Os confins e as fronteiras dos Estados não impedem que se gere vida e à vida” (FT, 121).

«Eu me chamo Semhar; nasci e cresci em Asmara, na Eritreia. Vim à Itália por motivo de estudo e vivo em Bologna há 15 anos. Atuo como mediadora intercultural, um trabalho que escolhi porque sou muito interessada nos temas da migração, mas, sobretudo



da interculturalidade. A *Migrantour* me permite conhecer melhor e fazer conhecer minha cidade segundo diversos pontos de vista, estabelecendo pontos de encontro entre várias culturas e religiões». Um percurso de integração global cansativo mas fecundo. Hoje leva em consideração o conhecimento das culturas diversas e presenteia ao turistas os mais belos ângulos, os mais característicos e, também os mais multiculturais. Realiza-o como membro da *Rete Ue Migrantour*, uma iniciativa que permite aos cidadãos de antiga e nova geração, turistas, curiosos, estudantes, descobrir com as conversas dos cidadãos migrantes, muitos pequenos e grandes segredos das diversas cidades europeias. A finalidade é contribuir para a difusão de uma nova narração baseada na igualdade, na dignidade do outro e na valorização das contribuições nos processos migratórios à construção de um sentido de pertença a uma comunidade mais ampla e de promoção humana. Toda pessoa tem direito de viver com dignidade e desenvolver-se integralmente. A integração dos jovens migrantes é a chave do crescimento da família humana, da fraternidade universal e do futuro. A solidariedade é gerativa, se expressa no serviço, no ter cuidado promovendo o desenvolvimento do outro. Ela ajuda a ver o outro- seja como pessoa, seja como povo ou nação- não como um dado estatístico ou meio de exploração, mas como próximo, como companheiro de estrada, chamado a participar do banquete da vida ao qual todos são convidados por Deus.



Refugiados tornam-se docentes

Da escola materna às superiores, pessoas que são refugiados por motivo de guerras e privações nas próprias Nações ensinam aos estudantes; assim se vence o medo do diverso;; os jovens aprendem e os mesmos refugiados readquirem a dignidade perdida.

Às 9 horas, na escola há lição de corte e costura. O professor? *Ezra*, 25 anos, refugiada gambiana. E *Arkan*, 23, afegão. Acontece há vários anos e sempre mais frequentemente, nas escolas de vários níveis- inclusive a maternal- de Schio, Província de Vicenza (Itália). Levar estas pessoas à escola é uma ação que, desde logo, venceu o medo do diferente e, ao contrário, abriu a comunidade local às histórias dessas pessoas, em fuga da guerra, das perseguições e incômodos de todo gênero. É o empenho da Associação **Il mondo nella città**, que desde os anos 90, segue a delicada situação dos fugitivos que chegam à Itália para pedir asilo político. A escola é o eixo que torna revolucionária e mais que positiva a relação entre refugiados e cidadãos, uma boa prática que está se tornando modelo. Três encontros, dois nos quais os docentes ensinam aos alunos técnicas de simples alfaiataria, adaptadas naturalmente às idades; no terceiro encontro apresentam suas experiências de vida e trocam narrações com os jovens. O projeto se chama *Nuele*, que em *Swahili* quer dizer 'trança', nasce do fato que primeiramente se entrelaçava o papel para realizar composições, agora usam-se os tecidos, também para confeccionar bolsas. A presença do professor que pede asilo é um valor de acréscimo seja para os estudantes, porque tocam com as mãos algo que frequentemente ouvem dizer somente na televisão; e para esses refugiados, porque readquirem aquela dignidade perdida após a fuga do próprio país (de: <http://www.ilmondonellacitta.it>).



Uma vida a serviço dos últimos

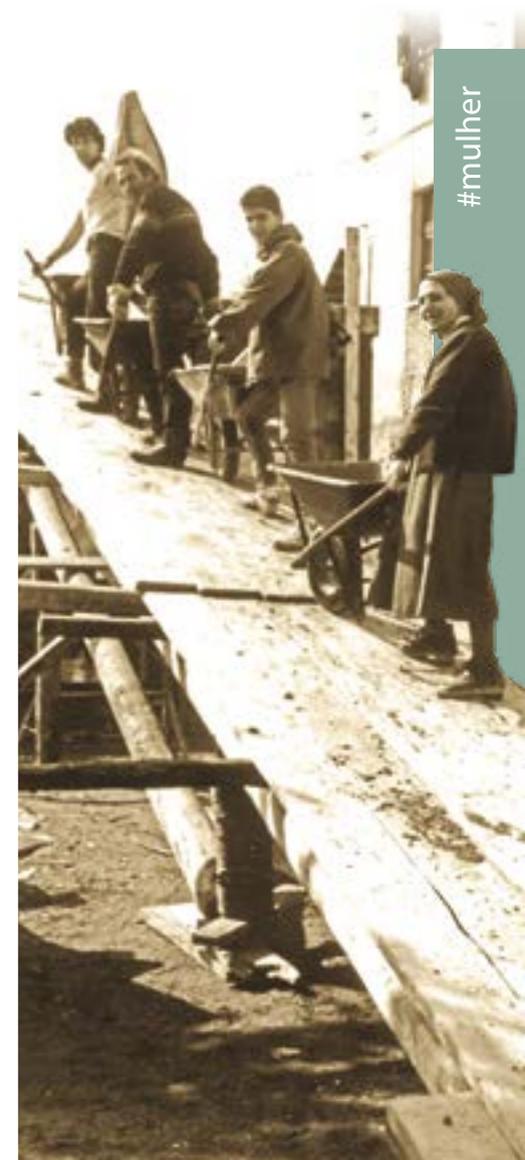
Paolo Ondarza

paolo.ondarza@gmail.com

«É melhor morrer consumidos do que enferrujados!» Ficaram gravadas em seu coração estas palavras pronunciadas por uma Irmã idosa nos primeiros anos de sua vida religiosa. Hoje, Ir. Elvira Petrozi, conhecida como Madre Elvira, 83 anos, uma vida gasta a serviço dos últimos é a testemunha viva daquela afirmação e confirma a nós: “É verdade que consumir-se para servir a Misericórdia de Deus é a verdadeira riqueza da vida. Encontramos a vida verdadeira se a perdemos, se a doamos, se a consumimos!”

Ela fica, ainda agora, admirada ao pensar que, há mais de 30 anos tenha nascido a Comunidade Cenáculo, difundida hoje por meio de 71 fraternidades em 20 países do mundo: da Europa à África, dos Estados Unidos à Ásia: “Não foi ideia minha, projeto meu. O intento do meu coração eram os jovens que se perdiam: eu os via” sem pastores” sem pontos de referência, em perigo, com dinheiro no bolso, com tudo em âmbito material, no entanto, ”mortos” no próprio coração. Eu experimentava um impulso que me lançava na direção deles, como um fogo que não podia apagar, que crescia sempre mais; eu me sentia disposta a oferecer aos jovens algo que Deus havia colocado em mim para eles”.

Houve um longo tempo de discernimento e maturação daquilo que, desde pequena, Elvira havia aprendido de sua própria família: “Cursei a terceira elementar e depois não havia mais tempo para frequentar a escola. Éramos pobres, em casa eu percebia isso e procurava ajudar a todos. Vivi a experiência da dependência alcoólica do meu pai e da força do amor de minha mãe que, por vezes, permanecia vários dias fora de casa trabalhando para poder alimentar os filhos. Mas, quando voltava exausta do trabalho, cantava e nós, filhos, neste canto sentíamos que a vida, seja como for, é sempre um dom”. Foi a mãe que por primeiro ensinou que “as bocas são irmãs” e que não se é nunca tão pobre a ponto de não poder doar algo a alguém. Depois, movida pelo desejo de “abrir o coração ao amor universal”, Elvira entra em um convento em 1956. Em 16 de julho de 1983, na festa de Nossa Senhora do Carmo, aquele indefinido apelo à doação total de si assumiu contornos nítidos e chegou “a hora”. “Recebi a chave de uma casa abandonada em demolição, na colina de Saluzzo, na Província de Cuneo. Quando vi a porteira da propriedade abrir-se, explodiu



#mulher

em mim uma onda de alegria. Aqueles que me acompanhavam, vendo a desolação, o abandono do lugar, meneavam a cabeça. Mas, naquele momento eu já via tudo reconstruído, repleto de jovens, de vida, de alegria, de liberdade verdadeira como de fato é hoje. Poucos dias depois apareceram três meninos que nos perguntaram: - “É esta a comunidade para os drogados?”. Nós nos olhamos e respondemos: «Drogados ou não drogados, é para os jovens!». Então, continuamos: «Sim, venham, esta é a casa de vocês!». Assim começamos esta “bela história” confiando totalmente na providência de Deus. Ele jamais, jamais, jamais nos desiludiu!”

■ A que realidade se dirige a obra social de vocês?

«A comunidade acolhe pessoas necessitadas, em busca de um sentido para a vida. Pessoas que passaram anos na dependência química, na solidão, na marginalização e que trazem em si feridas, vazias e tristeza. São jovens empobrecidos, em busca de um lugar no mundo, na vida; adultos que se consideram “falidos”, desejosos de encontrar motivações para viver e esperar. Nós nos definimos como uma “Escola de Vida” onde quem é acolhido como pessoa, sentindo-se em casa, possa reencontrar a vontade de viver através da amizade fraterna e sincera; participando ativamente da vida comunitária e, arregaçando as mangas, possa encontrar a própria dignidade; pelo caminho da fé possa sanar as feridas do próprio passado. O percurso comunitário não é uma oferta de “terapia” sanitária, mas um percurso de cura, de libertação, conversão, um caminho educativo e espiritual radicado na palavra de Deus. Só o encontro vivo com a Misericórdia do Senhor e um sincero caminho de conversão são capazes de transformar as trevas em Luz!»

■ Sua atividade regenerou à vida tantas existências. No seu coração há alguma particularmente especial?

«Entre muitas fisionomias me vem à mente *Nicola*. Desde a adolescência, abandonado a si mesmo, vagou com os amigos em busca da felicidade e

caiu logo na droga. Primeiramente o espinheiro, depois da heroína, finalmente a experiência dilacerante da dependência química, a solidão, o cárcere. Anos vividos na escuridão, com a única preocupação de conseguir dinheiro para a “morte” cotidiana. Após alguns problemas de saúde Nicola veio, a saber, que era soropositivo. Conhece a comunidade *Cenáculo* em 1992. Começando a fazer parte dela inicia um sério caminho de ressurreição feito de sacrifícios, de cansaços, de alegrias, de encontro vivo com Cristo, através da graça da oração à qual ele se agarra fortemente. Em seu coração, naqueles anos, nasce o projeto missões em favor dos *meninos de rua*. Ele tinha consciência das feridas que o haviam levado à droga e à violência nascidas nos anos da infância. Esperava sarar para poder partir, também ele, como missionário, mas, ao invés, foi chamado a oferecer todo o seu sofrimento, vivido com fé intensa, até seu último respiro, pelo êxito da missão que sonhava. Pouco antes de ir para o céu teve a alegria de ver partir para o Brasil o primeiro grupo de missionários prontos para o trabalho educativo com os meninos de rua. “Nicola entregou a eles um ícone que havia pintado, embora estivesse quase cego em consequência da enfermidade: representava a Mãe da Ternura, da qual assumiu o nome nossa primeira missão no Brasil, dedicada a *Nossa Senhora da Ternura*».

■ O que diria a quem vive hoje na precariedade devido à pandemia e suas consequências sociais?

«Há anos compartilho minha vida com pessoas e famílias que foram devastadas pelo “vírus” do problema que lacerou os corações e as relações, separando famílias, gerando medo, raiva, incerteza, e estou cada vez mais convencida de que somente se aprendemos a estar de joelhos humildemente diante de Deus saberemos depois estar em pé e seguir em frente com esperança nas duras provações e nas grandes dificuldades da vida. É preciso pedir o dom da confiança em Jesus ressuscitado, uma confiança sem limites! A onipotência de Deus é nossa força! Nós temos certeza de que, quem confia no amor de Deus, jamais ficará desiludido!»

■ Quais são as súplicas não expressas pela humanidade do século XXI que lhe parecem devam ser olhadas?

«Percebo que perdendo Deus no horizonte da própria vida, o homem se extraviou e se perdeu”. Sem o encontro com o olhar do Criador que revela à criatura a sua dignidade beleza e grandeza, o ser humano não sabe mais quem é: é como uma criança que não tendo mais a face de seus genitores perde a segurança dada pela presença deles, não sabe a quem pedir auxílio quando se encontra no escuro! Há dezenas de anos encontro famílias desesperadas, uma vez que seus filhos e outras pessoas ainda jovens desprezaram a beleza do dom da vida. Percebo que esse sofrimento que vivem pode se tornar um dom, uma “profecia” que precisamos saber escutar».

■ O que gostaria de dizer a respeito do papel da mulher na Igreja?

«Não tenho pretensão nem a cultura suficiente para falar do papel da mulher na Igreja. Pessoalmente sinto-me uma mulher “grávida” todos

os dias, chamada para dar à luz a cada dia, mistério da vida em todos os seus meandros misteriosos: do menino antes de nascer aos jovens que escolheram a morte, dos doentes aos anciãos. A mulher que foge da gravidez, foge do ser mãe, do gerar vida, do amor; perde sua identidade, diminui o seu ser, não sabe mais quem é. A mulher nasceu para dar à luz vida, alegria, pureza, beleza... por onde passa. Em todo lugar em que nos encontremos, em qualquer lugar e a todo momento, há pessoas que têm necessidade do nosso sorriso, do nosso coração, da nossa oração e da nossa fortaleza, do nosso silêncio que vive a compaixão. Aquelas pessoas então nos fazem um grande dom: permitem a nós, mulheres, explicitar e doar toda a riqueza que Deus semeou em nós!»



Onde o amor tem seu lugar

Maria Baffundo, FMA
hmariab@gmail.com

“A vida é um dom que se recebe na doação de si mesmo. A alegria maior é dizer, sem condições, sim ao amor” (Papa Francisco, Messa della domenica delle Palme, Roma 5 aprile 2020).

Um apelo e um convite a iniciar uma reflexão fechando os olhos e prestando atenção em uma imagem, em algumas palavras que se transmitem no tempo: «Uma manhã encontrando Petronilla na saída da Igreja, a conduziu a uma estrada pouco frequentada, chamada estrada do jardim, e ali, em pé diante de uma noqueira frondosa, lhe disse: “Escute, Petronilla, creio que o Senhor deseja que cuidemos das meninas de Mornese. Olhe: você

34

polifonia



não tem força suficiente para trabalhar no campo, e nem mesmo eu, após o tifo. Ambas sentimos um forte desejo de salvar nossas almas fazendo o bem às meninas. Você não acha que se soubéssemos costurar, poderíamos realizar este apelo? Eu me decidi a aprender corte e costura. Venha você também comigo”» (Cronistória, Vol.I, p.83).

Maria Domingas, Maín, uma jovem mulher enfrenta a realidade: o vírus do tifo chegou na sua cidade, junto com as consequências da guerra: fome, morte e sofrimento. Com sua confiança em Deus, ela se torna um dom para aqueles que têm necessidade de assistência, porém, ela também adoece. Experimenta a fragilidade, a falta de forças, a necessidade do auxílio dos outros, o retorno à vida a partir de outra perspectiva.

Hoje o mundo é atingido fortemente pela Pandemia da Covid-19; não importa a posição social da pessoa, rica ou pobre, nem mesmo se é profissional ou marginalizado. Não importa em que fase da vida se encontre, se é jovem ou ancião, homem ou mulher; não importa se artista, político, médico ou simplesmente o vizinho de nossa casa. O vírus enganador vai destruindo famílias, cidades e países, deixando em todos uma profunda incerteza e medo, na expectativa de uma vacina que liberte a todos da angústia, ajudando a retornar à normalidade.

Quê normalidade? Aquela que irá encontrar a humanidade mais vulnerável e isolada; insegura e indiferente, que vive o momento presente; aquela humanidade que perdeu a maior parte daquela geração que construiu a história.

■ Chamados a regenerar

Aqueles que seguem Jesus, que acreditam em sua Vida e em suas Palavras, como estão vivendo esta sua fé? E o que esperam na atual conjuntura? Para todos aqueles que estão neste mundo e, sobretudo, para os cristãos, é tempo de viver uma experiência dinâmica de renovação, de regeneração; é uma “nova humanidade” que está emergindo. É um momento de grande insegurança acerca do que virá, e é tempo de pensar no presente e no futuro das novas gerações. É preciso pensar nos jovens e no que discernir, pois também as finalidades da missão mudam.

Olhando para Main se descobre que o projeto de vida pessoal, após a experiência do tifo, adquire uma nova face, à luz do Projeto de Deus.

Na exortação de Maria Domingas a Petronilla para que cuidassem das meninas, se evidencia a palavra que ressoa neste tempo de preparação para o Capítulo Geral XXIV: *geratividade*. O que significa isto? Aprender daquilo que se viveu e valorizou, repensar novas estradas, fazer nascer algo de novo, despertar a paixão, o entusiasmo da vida... a isto

35



somos convidadas nas Comunidades Educativas: “A geratividade nos impulsiona a assumir, com os jovens, o nosso carisma específico na Igreja, a ser alegres, a despertar o mundo com o nosso testemunho profético. Impulsiona-nos para que sejamos especialistas em comunhão, para que saíamos de nós mesmas e caminhemos em direção às periferias existenciais da humanidade” (Circolare n. 985 In preparazione al CGXXIV).

■ Com os jovens

Os jovens, esta porção do Reino de Deus, com a experiência que têm, caminham juntos, na direção das novas periferias da humanidade. Também eles são desafiados para uma “nova normalidade”.

Letícia dedica-se a contribuir ao bem comum: “Do ponto de vista profissional e relacional, chegamos já em tempos mutáveis, fugazes; sempre mais esta realidade da pandemia requer de nós flexibilidade, criatividade. Modos novos nas ligações e nos projetos, na vida do casal, na vida de comunidade, a breve e longo prazo. Não conseguimos fixar muitos detalhes, é preciso focar o essencial, as buscas comuns, para nos permitir sermos mais espontâneos e autênticos”.

Valentina reafirma sua experiência de fé: “A situação da pandemia nos surpreende, não tínhamos em mente, não sabíamos como ge-

renciá-la, mas como jovem que buscava viver a palavra de Jesus cotidianamente, era essa uma ocasião para pensar no que Jesus teria feito em momento semelhante. Um desafio foi o de superar a incerteza, dando valor à nossa própria vida e àquela dos outros, a cuidar cada um de si mesmo, para juntos podermos cuidar dos outros”.

Guillermo insiste no testemunho da proximidade e da esperança: “O desafio, como jovens cristãos, é o de não deixar que as desigualdades nos sejam indiferentes, mas, pelo contrário, sejam um apelo ao bem comum; um convite ao empenho em favor do direito de todos. Não podemos viver pacificamente esta “nova normalidade” sem procurar ser próximos, mesmo em um tempo em que a norma é o distanciamento. Este tempo solicita que nos reinventemos para continuar sendo próximos, para não perder os espaços de encontro, de missão, mesmo com novas formas de celebração da Fé, da vida, dos sacramentos e da oração. Perguntemo-nos a quem Deus nos chama, hoje? A quem nos chama? E nos coloquemos em ação para dar continuidade ao caminho “lado a lado” com aqueles que têm maior necessidade de nós e, assim, sermos sinais de Esperança”.

“Vive-se intensamente, porém, tudo é aprendizagem”, assim afirma Micaela, iniciando sua partilha e evidenciando a importância dos recursos que favorecem a aposta sobre a humanidade: “Procurar Deus nas redes, procurá-lo nas faces dos jovens do Oratório, do MJS, em cada pessoa que bate à nossa porta. Isto desperta uma sensibilidade especial para a escuta atenta e paciente, uma terna escuta daquelas coisas que perturbam os outros... trata-se de aprender a viver entre online e off-line. Quaisquer possam ser os meios, esta pandemia nos “ofereceu” a necessidade de procurarmos instrumentos para sair e ir ao encontro do outro, dando o melhor de nós mesmos para podermos continuar sendo permeadas pelas histórias e experiências dos nossos jovens”.

O espaço educativo é o lugar privilegiado para promover novas competências e uma nova solidariedade com a realidade. É a partir daí que a vida irá encontrar novos caminhos para se manifestar e onde o amor terá sempre o seu lugar.

Jovens e Covid-19

Veronica Petrocchi

veronica.petrocchi91@gmail.com

Os jovens não têm medo de morrer? Não de morrer, mas sim de sentirem-se limitados e não poderem gozar da vida rica que tinham antes. Os jovens viveram um 2020 muito complexo do ponto de vista emotivo e psicológico devido à Covid-19. Mas o que os jovens aprenderam a partir dessa experiência?

Os jovens constituem a faixa de idade na qual as relações sociais e o contato interpessoal são fundamentais para o crescimento e a formação das personalidades individuais. Cortar repentinamente uma das funções principais da vida deles, isto é, a função relacional foi deveras difícil. Os jovens que sempre mais se refugiam nas relações virtuais e estão distantes do mundo das relações feito de lugares de encontro, passaram por intenso sofrimento pela ausência de relações sociais. E, concluído o lockdown foi



assim, impossível impedir episódios de “movimentação” nas praças, nas cervejarias e nos bares, justamente porque as reuniões constituem motivação muito forte para eles. Devido à Covid-19, escolas e universidades foram fechadas em 156 Estados, provocando a interrupção da educação para mais de 80% dos estudantes do mundo. Em uma situação como essa é normal o sentimento de tristeza, preocupação, confusão, susto ou mesmo de revolta. Os jovens enfrentaram uma educação à distância que os colocou em dura prova. “Descobrimos uma geração muito diferente, mais consciente”, relata Mauro Tuzzolino, autor de *Os jovens e a crise da Covid-19. Testes de escuta direta*, uma coleta fundamentada de dados à qual colaboraram 567 jovens. “Sobre a fadiga

do ensino à distância, deram, de fato, as seguintes motivações: 39% atribui essa dificuldade à ausência de relações humanas; 32% atribui a uma escassa predisposição dos professores ao uso destas novas modalidades didáticas; 19% a problemas de conexão; 8% à tecnologia inadequada”. Para os jovens, portanto, o ensino à distância é somente um modo temporário para substituir o ensino tradicional, isto é, somente uma resposta de emergência. O momento de criticidade os levou a unirem-se compactamente uns aos outros, mas o estudo reafirmou o valor da escola como espaço comunitário; reafirmaram o valor da socialidade e da relação entre iguais e reconheceram o valor da mediação, frequentemente não considerada, do docente.

A pandemia trouxe à luz a fragilidade dos sistemas políticos, sociais e sanitários, abrindo uma janela de confiança nos *jovens* sempre mais conscientes de que as grandes questões mundiais podem ser enfrentadas de modo mais eficaz quando cada um é chamado a dar uma contribuição, a participar à vida da polis. E é assim que tantos jovens ricos de paixão e senso de solidariedade, se colocaram a serviço dos outros. Médicos, jovens e determinados, constituíram-se em grupos, oferecendo suporte recíproco e ajudando-se para responder à exigência de assistência sanitária em um momento extremamente crítico. Entrar nas casas das pessoas, enfrentar o sofrimento e o medo, exigiu deles uma grande capacidade de empatia: “Sem dúvida há situações difíceis nas quais é preciso enfrentar o sofrimento de pessoas que tocam o

nosso coração e ainda assim, a abordagem profissional nos interpela a nos interrogar e a nos rever como pessoa. Chegamos, por vezes, à casa de pessoas isoladas e amedrontadas e é preciso oferecer-lhes suporte também psicológico para que assumam com seriedade a doença”. Os jovens puderam tocar a fragilidade da vida e foram quais “anjos” ajudando a superar as consequências do vírus.

Após esta experiência, *o quê pedem os jovens ao mundo dos adultos?* Essencialmente uma mudança: a capacidade de estar dentro da história, lutando pela verdade do Evangelho, buscando e experimentando novos estilos de vida e caminhos inéditos de serviço e de testemunho, com uma ideia em mente: *com os jovens e pelos jovens, juntos para formar comunidade.*

“A via do serviço é a via que vence, a via que nos salvou e que salva nossa vida” (Papa Francesco ai giovani, 5 aprile 2020).



Testemunhos

Alguns jovens contam como mudou sua vida cotidiana e como conseguiram permanecer em positividade, apesar deste período de incertezas.

«Acompanhar as lições no Zoom, sentir os amigos no Skype, não poder ultrapassar o limiar da própria casa, tornou-se normalidade para mim e para todos os meus colegas. Um exercício de adaptação e uma prova de resiliência não indiferente, como aquela experiência que vivi quando cheguei na Itália. Tivemos que modificar a nossa relação com o mundo e com nós mesmos, vivendo fisicamente distanciados uns dos outros, mas, talvez como nunca, bem conectados empaticamente. Aprendi a encontrar um equilíbrio interior, organizando minhas jornadas para usar bem o tempo livre e me dedicar àquelas coisas que me interessavam. Assim descobri que, online se pode fazer voluntariado! Em um momento tão dramático, cada um de nós pode, de fato, ajudar alguém, mesmo sem vestir um uniforme branco. Temos todos uma função a exercer para transformar este forte sentido de empatia e de comunidade em gestos concretos e cotidianos de solidariedade» (*Esa, Nigeria*).

«Pela manhã, ao despertar, meu primeiro pensamento vai a todos os meus parentes, meus tios, meus primos e primas,

com os quais partilho as minhas jornadas e que agora, lamentavelmente não consigo ver com frequência. Sou, então, tomado por certa melancolia... mas logo percebo que, quando deles me recordo, são eles mesmos que me dão força para me levantar, sorrir e enfrentar as labutas do dia com entusiasmo e esperança. Vivo com meu pai no campo. As manhãs são dedicadas aos nossos deveres: ele trabalha em casa e eu, geralmente, estudo. O isolamento parece menos duro para nós que moramos no campo. Após o almoço meu pai e eu nos concedemos umas voltas diante da nossa casa e gozamos do ar livre e do silêncio que nos envolve. À tarde continua entre um filme, algum trabalho de casa e tantos pensamentos. Não faltam chamadas de vídeo para amigos e parentes que me ajudam a distender-me e a viver com leveza. Por vezes parece tudo tão monótono para mim que geralmente passava as tardes fora de casa com os amigos. Hoje, ao invés, vou me conscientizando, dia após dia, de que naquelas pequenas monotonias está a verdadeira essência da vida. Naquela troca de olhares com meu pai, na conclusão do dia, está, apesar de tudo, o sentido daquele estar junto que nos dá força, como família e também com todos aqueles que nos circundam; está o sentido de nos sentir sempre unidos e prontos para enfrentar com alegria este tempo e acreditar que passará» (*Luca, Itália*).

Comunicar para gerar

Aos cuidados da redação
editor@rivistadma.org

A comunicação salesiana nasce do coração e da mente de um grande sonhador: *João Bosco*. O sonho é o espaço de uma concepção que torna ativo, ousado, mas também é um espaço de liberdade, pois D. Bosco no seu sonho de menino imagina algo que não existe ainda e que ele é chamado a realizar. Ele não escolhe algo que já existe, mas faz existir, coloca no mundo algo que ainda não existe. Este é o sonho comunicativo ao qual somos chamados. Juntamente com os jovens, dar uma nova face à comunicação permeada de valores evangélicos.

São João Bosco, fundador dos Salesianos de Dom Bosco, intuiu o valor da comunicação que gera cultura e vida e valorizou, com o dom de Deus, as grandes possibilidades que a cultura da comunicação oferece para a educação e a evangelização. Mergulhou plenamente na comunicação do seu tempo, disposto a captar para si e a transmitir aos outros. Soube ser *receptor atento*, desejoso de conhecer os acontecimentos, leitor assíduo. Dom Bosco coloca em prática uma “grande revolução” no campo da comunicação, propondo e realizando no oratório o novo modo de “estar junto”. «*O Oratório é um ambiente no qual todo canal de comunicação, do jogo à música, do teatro à estampa e assim por diante, é dirigido e promovido em vista da educação e evangelização. O projeto de Dom Bosco reveste toda a sociedade com viva imaginação sociológica, sentido do tempo, criatividade organizativa e uma política global das comunicações de massa*». Ele foi um *bom comunicador*, desde menino, a começar pelas formas mais simples de comunicação relatando a seus companheiros de

jogo os episódios e suas leituras e as instruções do pároco; aos adultos, lendo livros da cultura popular. Mais tarde, ele inventa, para o bem de seus jovens, a *boa noite*, um encontro cordial para contar e informar a respeito das notícias de família.

Pelos jovens, ele se tornou escritor, preparando textos escolares. Para a classe popular aos 31 anos Dom Bosco já se ocupava com os agricultores com o «*Enólogo Italiano*», e três anos depois escreveu «*O sistema métrico decimal... para uso dos artesãos e do povo da área rural*». O apostolado do livro era algo importantíssimo para Dom Bosco. Escreveu três biografias de jovens adolescentes, como referência a oferecer aos seus colegas. Fundou as *Leituras Católicas*, um periódico com assinatura mensal sobre temas monográficos: uma resposta concreta à necessidade de difundir boa imprensa entre as pessoas”.

Dom Bosco educador sente a importância que a comunicação assumia e se torna interlocutor, fazendo dos *meios de comunicação* do seu tempo, ambientes de vida para realização do projeto apostólico salesiano: a promoção humana e cristã dos jovens empobrecidos e de classes populares e o desenvolvimento do carisma missionário salesiano.

■ Comunicar para gerar, hoje

«A comunicação tem o poder de criar pontes, de favorecer o encontro e a inclusão, enriquecendo, assim, a sociedade. É fundamental escutar. Comunicar significa partilhar e a partilha enriquece a escuta, a acolhida. A escuta nos permite assumir a atitude justa, saindo da tranquila condição de espectadores, de ouvintes, de consumidores. Escutar significa também ser capaz de partilhar perguntas e dúvidas, de percorrer caminho lado a lado e colocar humildemente as próprias capacidades e os próprios dons a serviço do bem comum». (Messaggio del Santo Padre Francesco per la 50ª Giornata

Mondiale delle Comunicazioni Sociali, *Comunicazione e misericordia: un incontro fecondo*. Città del Vaticano, 2020)

Dom Bosco conta com os jovens: eles são portadores de energia e, sobretudo, são os interlocutores do processo educativo e possuem potencialidades de cooperação. São, ainda hoje, os jovens que interpelam o Instituto das FMA. Eles estão entre os principais habitantes da Rede, interlocutores de uma *software society* imersa sempre mais em uma *software cultural*. Uma geração que, também através das tecnologias digitais, sabe expressar-se com novas linguagens e empreender inovadores processos culturais. Os jovens estão entre os promotores das mudanças sociais que caracterizam a contemporaneidade.

■ Despertar a esperança

Na Rede, comunicar quer também dizer cultivar as “virtudes da fé e da esperança”. Muitos jovens não param de anunciar a Boa Notícia do Reino de Deus através do dom da palavra que se transforma em imagem, som, multimídia e encontro. Hoje, esta palavra se encarna com criatividade para difundir ondas de esperança, para estar junto e sentir-se vizinho. *FMA Talk (anchor.fm)* é o podcast lançado pelas comunidades educativas da Inspeção Eslovênia São João Bosco (SLK). Escutando e dialogando com as expectativas



e as esperanças das pessoas, uma nova forma de apostolado foi criada, atingindo os irmãos e as irmãs, mesmo os mais distantes, e comunicando a esperança com a criação e difusão de conteúdos culturais e religiosos, testemunhos vocacionais e missionários, relatos de experiência.

■ Em viagem com o rádio

Rádio Dom (www.radiodom.com.br) é um instrumento de comunicação salesiana, social e juvenil, nascido em 2017 em Curitiba, Estado do Paraná (Brasil), com o objetivo de ser um espaço aberto a todos,



especialmente a quem tem menos possibilidade, de narrar histórias, partilhar experiências e, em um mundo rico de mídia, encontrar interlocutores e colaboradores para chegar a muitos. A rádio dá impulso e vitalidade a tantos adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade, oferecendo recursos socioeducativos para promover a liberdade, a dignidade, a

descoberta de si mesmo e dos próprios talentos. *Rádio Dom* é parte da *Rede Salesiana Brasil de Ação Social*. É uma comunidade de vida que envolve jovens, leigos, Filhas de Maria Auxiliadora e outros membros da Família Salesiana de Dom Bosco no team técnico, administrativo e comunicativo, também para difundir as diversas propostas e atividades educacionais que as obras sociais salesianas promovem. Com mais de 45 voluntários, entre palestrantes, jornalistas, técnicos e projetistas, a emissora inclui uma programação que envolve temáticas sobre formação, educação, salesianidade, a dimensão social e a música.

Colabora com a Rádio Vaticana para transmitir a voz do Papa, dá espaço a mesas redondas sobre cultura juvenil, sobre evangelização, sobre desenvolvimento social, com especial atenção aos mais empobrecidos. E tudo isso é feito com e para os jovens. Diariamente oferece a oportunidade ao público que ouve, de tomar consciência das necessidades da comunidade e, assim, procura promover a comunhão e a solidariedade. Junto ao *Centro Universitário Salesiano de São Paulo (UNISAL)*, a *Rádio Dom* dedica um espaço às questões juvenis e oferece percursos de acompanhamento de jovens que se encontram na prisão e em situação de inserção no trabalho.

■ Nos dias do Tik Tok

Mais distante da igreja e mais frequentado pelos jovens *Tik Tok* é o social network desde que, após poucos anos de vida, conquistou os teen agers, e não somente, mas todo o mundo, pela facilidade e rapidez dos conteúdos que podem ser criados e difundidos, especialmente vídeos musicais distribuídos via dispositivos móveis. Uma plataforma centrada na música e na bre-

"Amem aquilo jovens amam para que eles amem aquilo que vocês amam" (Dom Bosco).

vidade. O fundamento e a novidade do *Tik Tok* são as interações, reforçadas através da partilha de outros clip: que vão além das tradicionais respostas representadas pela like, ações e comentários. A finalidade parece ser a diversão tout court, alcançada através da criativa partilha de conteúdos espontâneos e sempre mais originais. No entanto, também no *Tik Tok* se pode comunicar bem e gerar mudanças, crescimento e desenvolvimento social.

Alguns estudantes da Faculdade de Ciências e Comunicação Social da Universidade Pontifícia Salesiana de Roma, empenhados na divulgação dos conteúdos do Evento de 25-26 setembro de 2020 sobre o tema “*Inteligência Artificial: em vista de uma governança humana. Perspectivas educativas e sociais*”, experimentaram *Tik Tok* para transmitir um vídeo glossário (<https://intelligenzartificiale.unisal.it>) em capítulos sobre palavras ligadas à Inteligência Artificial em entrevistas muito curtas, com dissertações de especialistas sobre o tema. Pílulas formativas e de conhecimento, que partindo das definições e das palavras iluminaram o tema da *Information Technology* de que muito se fala e pouco se conhece.



A partir do sonho comunicativo de Dom Bosco, olhamos hoje a comunicação, como um ecossistema comunicativo, como ambiente de relações e de geratividade. O desafio é adentrar este movimento gerativo. A fecundidade comunicativa não se encontra onde há já estradas prontas, um *Google Maps* que diz “esta é a estrada certa”. Há vantagens e riscos e há espaço para uma corresponsabilidade na qual Comunidades FMA, leigos e jovens, colocando junto as próprias capacidades, seus desejos e suas diferenças, podem encontrar linguagens jovens e novos estilos de comunicação para responder aos desafios da contemporaneidade, gerando ecossistemas comunicativos, ambientes nos quais a vida se desenvolve a partir de valores evangélicos e salesianos.

Mornese. Comunidade gerada pelo encontro com Deus

Eliane Petri, FMA
petrifma@gmail.com

Ser comunidade geradora de vida no coração da contemporaneidade supõe um movimento formativo e espiritual contínuo na vida do fiel: deixar-se continuamente regenerar pelo amor de Deus. O amor gerativo e transformante de Deus é a fonte da geratividade vocacional no Instituto das FMA.

O apóstolo Tiago afirma que Deus “quis gerar-nos segundo a sua vontade” (Tiago 1,18). O fato de Deus ter nos gerado segundo a Sua vontade indica um plano soberano e livre, que não está condicionado a forças externas. O nosso nascimento foi uma escolha, um projeto de Deus que não depende de nós e dos nossos méritos. Deus o fez simplesmente por amor. Neste versículo o significado da Regeneração ou Novo Nascimento indica uma mudança de vida radical, significa que se passa da situação de morte espiritual à vida e fecundidade. À vontade de Deus que quer nos regenerar continuamente está unido o esforço do discípulo de permanecer no seu amor para poder produzir fruto. É o “permanecer” no amor de Deus que assegura uma autêntica generatividade. Madre Mazzarello, simples mulher camponesa havia compreendido esta verdade cristã: “É a mão de Deus que trabalha em nós. Sem ele nada podemos fazer” (Carta 66.2), escreve ela às Irmãs. Realmente só o amor é capaz de gerar: o amor se torna ’habitat da existência à medida que o recebemos da fonte que é Deus-Amor (1Jo 4,8).

■ No princípio era uma comunidade gerada pelo Amor

Há uma estreita relação entre ser gerado e gerar. No princípio era o amor: o amor criador e regenerador de Deus, o amor da criatura humana que se sente alcançada pelo amor de Deus e adverte em si o desejo de viver na lógica deste amor e de testemunhá-lo aos outros: “A estatura espiritual de uma existência humana é definida pelo amor”, escreve Papa Francisco (Fratelli tutti, 91). O Cristão é aquele que habita o amor de Deus, examina e prova o mistério de Deus e por isto se torna conatural testemunhá-lo aos outros e encontrar Deus dos outros. «Somos feitos por amor e há em cada um de nós uma espécie de lei de êxtase: sair de si mesmo para encontrar no outro um acréscimo de si» (Fratelli tutti, 88). É este o segredo da comunidade de Mornese: uma comunidade gerativa, porque gerada no amor.

Dom João Cagliero, de fato, relata que Maria Domingas era uma mulher que “vivia perdida em Deus! Seja quando estava recolhida em oração, seja quando se encontrava empenhada no trabalho, no repouso, nas vigílias, e se pode dizer também, no sono, como a esposa do Cântico dos Cânticos, eis que durmo e o meu coração está em vigília!» (Summarium, 225). Enrichetta Sorbone coloca em evidência como o encontro com Jesus na Eucaristia se prolongava nos encontros de Mazzarello com os outros, ao longo no dia: “Parece-me ainda vê-la na igreja profundamente recolhida ao fazer as suas santas comunhões com tanto fervor como se fosse um serafim de amor! E, ao longo da jornada, ao apresentar-se às irmãs, ou na sala de costura, ou nos vários ofícios, parecia que levasse ainda o seu Jesus no coração para comunicá-lo às suas filhas e às meninas; e nós, sentíamos na passagem na nossa Madre, o perfume de Jesus.» (Summarium, 151). Quem está imersa na realidade de Deus, quem compreende, vê e saboreia a riqueza que é Deus mesmo, a difunde como salvação e alegria no mundo.

Don Costamagna define o Colégio: «A casa do amor de Deus!» Seremos educadoras, educadores

salesianos hoje, é reexpressar estes mesmos valores: testemunho de vida; criar ambiente de família onde reina o amor, a confiança, a alegria; onde nos sentimos movidos ao bem pela força do amor. E tudo isto é possível quando temos consciência de que Deus está presente porque aí há alegria, plenitude de vida. Isso torna bela a vida e a missão: podermos juntos, FMA e leigos, edificar a “casa do amor de Deus” para transmitir a alegria plena do Evangelho aos jovens e envolvê-los nesta missão.

Enrichetta Sorbone escreve a respeito de Madre Mazzarello: «Era dotada de um critério não comum; possuía o dom da maternidade e o dom do governo de modo admirável. Seu governo era enérgico, resoluto, mas amável: tratava-nos com franqueza, mas nos amava como uma verdadeira

mãe religiosa; possuía uma atração que nos impulsionava ao bem, ao dever, ao sacrifício, a Jesus, com certa suavidade, sem violência; ela tudo via, previa o bem e o mal todas as filhas, sempre pronta a prover, seja para o bem-estar físico como para o moral, segundo a necessidade e a possibilidade” (Summarium, 79). Quem se deixa gerar e vive na própria vida de Deus, vive uma vida transfigurada e consegue comunicar aquele “não sei o quê...”; “aquele mais”, um acréscimo de vida que alegra o coração humano e o faz encontrar a verdadeira felicidade. Nesta lógica deve também ser vivido o serviço de animação e



governo, o exercício da autêntica “*autoridade*”, isso é, o exercício do gerar e fazer crescer as pessoas.

■ Comunidades regeneradas pela Eucaristia

A Eucaristia é o espaço por excelência onde somos regenerados no dia a dia, pela graça. E é o sacramento que nos torna capazes de nos fazer dom aos outros, gerando vida nova. Um coração eucarístico é, por si mesmo, um coração fecundo, gerativo, criativo; um coração que experimenta o caráter pascal da existência, o risco do sair de si mesmo para alcançar os outros, e descobre que o próprio bem é habitar o outro e acolhê-lo em si. (cf Congregazione per gli Istituti di vita Consacrata e le Società di Vita Apostolica, *Contemplate. Ai consacrati e alle consacrate sulle tracce della Bellezza*, Città del Vaticano 2015,15). Fazer da própria existência uma vida eucarística, pão partido para os jovens é o segredo da geratividade de Mornese. Jesus era a fonte da fraternidade e do ardor missionário das primeiras jovens educadoras. O encontro com Jesus Eucaristia era um encontro vivo e transformante.

Maria Domingas ajudava as irmãs a viver seu dia a dia no horizonte de Deus; ensinava a fazer tudo para agradar a ele e ser muito a oferecer-lhe durante a Eucaristia. Ela tinha a convicção de que Jesus vem a nós com as mãos cheias de graças: “Ele é todo amor e toda bondade para nos dar ânimo de nos aproximar de seu coração” (*Carta* 32,1). Recomendava pois, às irmãs e às jovens que não fossem receber Jesus “de mãos vazias” mas sim com as obras de caridade e de sacrifícios feitos por amor. Que a Eucaristia se tornasse realmente, fonte de geratividade, fosse, de fato, o fundamento da experiência espiritual e da comunhão fraterna, se pode evidenciar a partir da genuinidade evangélica das relações que se estabeleciam entre as meninas e as FMA: “O contingente maior era de filhas do povo; não havia nunca a etiqueta, mas que delicadeza de sentimentos, de fineza de caridade entre as irmãs! [...] Quando alguém praticava algo pouco educado, procurava pedir desculpas antes do pôr do sol, se não, não iria receber a comunhão» (Margherita Mariani, in *Facciamo memoria* 1939, 319). O quanto Madre Mazzarello procurasse formar as irmãs e as jovens no espírito eucarístico e como esta formação se transformava em vida se revela claramente em

um episódio acontecido em Mornese: “Entre muitas faces serenas, evidencia-se por contraste, certo dia, a fronte triste de uma postulante.

- Porque você está assim então séria?
- Não recebi a comunhão nesta manhã... e o dia está se tornando longo demais... não termina nunca! E com aquele fogo que ontem a Madre procurou acender nos corações! Ó meu Jesus, perdoa-me. nesta casa não se pode viver sem a comunhão!» (*Cronistoria* II 363).

■ ... nas trilhas de Maria

O modelo de regeneração do cristão é Maria de Nazaré, a mulher “plena de graça”. Ela inspira um estilo de formação, isto é, aquela da *docibilitas* à oração do Espírito Santo e um estilo do “cuidar” da vida. Em Mornese cada FMA vivia na consciência de “ser uma verdadeira imagem de Maria”. Encarnar o estilo Mariano, tornar-se como Maria, mãe e educadora é para a FMA um traço característico da vocação é um modo de responder a necessidade de maternidade que você sente atualmente, sobretudo entre os jovens. No projeto de formação das FMA se lê que elas são chamadas a se tornarem como Maria, na fecundidade do Espírito Santo, auxílio e guia formativa no fazer crescer a vida de Jesus naqueles que nos são confiados» (*Progetto formativo FMA*, 30).

■ Cultivar um olhar contemplativo

A geratividade passa pelo olhar contemplativo, mediante a capacidade de volver o olhar de nossa vida para Jesus, de nos deixar guiar por Ele, redescobrir no cotidiano que somos depositárias de um bem que nos humaniza, que nos ajuda a conduzir uma vida nova, que nos convida a alongar o olhar para ver o mundo com os olhos de Deus, perceber os brotos de vida nova na história, colher e valorizar os recursos positivos dos jovens, etc. A cultura atual toda voltada para produção, exposta ao risco da exterioridade, do frenesi da vida, do ativismo, gera a necessidade inconsciente de silêncio, de escuta, de respiro contemplativo, de interioridade apostólica. O caminho contemplativo é um “caminho pascal” ao qual também nós, educadores e educadoras somos chamados para sermos de fato, geradoras de vida no coração da contemporaneidade.

Regenerar-se com a música

Mariano Diotto, SDB

m.diotto@iusve.it

Era março de 2020 quando explodiu a pandemia Covid-19 e, a partir daquele momento, o mundo mudou e, também a música seguiu este curso. Na televisão, somente notícias de morte e desespero, então, o refúgio foi a música.

As capacidades de cura da música são, atualmente comprovadas e a influência da melodia sobre as atividades humanas, inclusas aquelas imunológicas, tem sido estudada em vários hospitais e universidades do mundo todo. A música faz bem ao físico e, também à mente. Confirma-o um recente estudo americano da *McGill University* que examinou mais de 400 pesquisas. Os benefícios das notas e das melodias- descobriram os estudiosos- são percebidos especialmente no sistema imunológico e nos diversos níveis de stress.

■ A música tornou-se medicina da alma

Na Itália, às 18 horas da sexta-feira 13 de Março de 2020, das milhares de varandas de toda a cidade, foram transmitidas canções que apresentavam, nas palavras ou na melodia, um elemento unificador: a **esperança**. Estas notas musicais difundiram-se pelas avenidas desertas em um momento de grande emoção geral. O vírus tomou conta das cidades e de nossas vidas.

Apesar desta função de protagonista- com sua força arrastadora para afastar o medo- também a música corria risco de ser uma vítima exemplar desta pandemia.

Examinando os dados publicados pela *Music Business Worldwide* descobrimos, de fato, como a semana do 13 de Março tenha sido a pior de 2020 no Spotify, seja na Itália como no resto do mundo. Essa tendência era confirmada e ampliada pelas informações do *Alpha Data*, a respeito das vendas de mídia física de menos de 27.6%. Os artistas não se detiveram diante deste revés

e iniciaram, no mundo todo, um movimento de regeneração para combater, com a música, este mal misterioso que atinge não somente o corpo, mas também a alma.

Graças a uma técnica de inteligência artificial chamada *sonificação*, os pesquisadores do famoso *Massachusetts Institute of Technology* de Boston (MIT) conseguiram **definir o som do Coronavirus**. De modo particular o licenciado e professor de Engenharia, Markus Buehler conseguiu traduzir em música a Covid-19. O sistema que utilizou é complexo porque previa um estudo minucioso de todas as sequências de aminoácidos que compõem a cadeia proteica do vírus, transformando-as sucessivamente, graças a sofisticados computadores, em sons e ritmos e vibrações diferentes mas ligados entre si. Nasceu, assim, **uma melodia de uma hora e 49 minutos**, suave e relaxante, publicada pelo professor *Buehler* su *Soundcloud*, a plataforma de música e áudio “in streaming” mais ampla do mundo.

■ A regeneração pela música

Os cantores, os artistas e os musicistas, se colocaram a serviço para relatar este momento histórico, para refletir, para lançar uma mensagem de esperança, para se sentirem unidos, mesmo se fisicamente distantes. Todas as canções eram irmanadas pelo mesmo desejo de contribuir para a memória deste tempo e, sobretudo, como antídoto à luta contra aquele que foi definido como o “inimigo invisível”.

Elisa e Tommaso Paradiso foram alguns dos primeiros a falar sobre este momento tão delicado através da canção *Andrà tutto bene*, inspirada nas crianças que, com seus arco-íris expostos nas varandas emocionaram e extraíram sorrisos mesmo dos mais pessimistas: «*Volterà o abraço entre as pessoas. O sol sobre a pele voltará. A liberdade de correr pelas ruas, beijar-se nos pontos de chegada e, de repente, olhar-se nos olhos para depois dizer: tudo vai ficar bem*».

Também a canção de **Diodato**, premiada no festival de San Remo, com o título *Fai rumore* novamente ouvida com uma intencionalidade diferente; de fato, os silêncios do casal se tornaram os silêncios de toda a humanidade: «*Porque fazes barulho aqui e não sei se isso me faz bem, se o teu barulho me convém. Mas, faça barulho, sim, faça-o porque não posso suportar este silêncio não natural entre nós*». E depois *Il nostro tempo* de Mario Biondi e An-

nalisa Minetti, ou *La realtà non può essere questa* de Edoardo e Eugenio Bennato, ou *Non è inutile* de Luca Barbarossa, ou os artistas unidos (entre muitos Alessandra Amoroso, Arisa, Claudio Baglioni, Benji & Fedè, Loredana Bertè, Elodie, Emma, Fedez, Giusy Ferreri, Fabri Fibra, Fiorello, Francesco Gabbani, Irene Grandi, Il Volo, J-Ax, Levante, Lo Stato Sociale, Fiorella Mannoia, Maracash, Marco Masini, Ermal Meta, Gianni Morandi, Fabrizio Moro, Nek, Noemi, Rita Pavone, Piero Pelù, Max Pezzali, Raf, Eros Ramazzotti, Francesco Renga) que reinterpretraram o grande sucesso de Rino Gaetano “*Il cielo è sempre più blu*”. Em âmbito internacional o movimento foi grande

com **Manu Chao** que reinterpretrou o seu sucesso *Clandestino* conectando ao coronavírus e executando uma versão tocante e inédita a partir da cozinha e do terraço de sua casa em Barcelona, em companhia de alguns amigos que lhe deram a mão com os coros. O mundo de língua espanhola, ao invés, tomou em empréstimo a canção *Resistiré* do grupo espanhol “Dúo Dinámico” publicada em 1988. No texto se diz: «*Quando tenho medo de silêncio, quando é difícil estar em pé, quando as lembranças se revelam e me jogam contra um muro, me mantere em pé diante de todos. Me transformarei em ferro para endurecer a pele e mesmo que os ventos da vida soprem fortes, eu sou como a cana que se dobra. Resistirei para continuar a viver. Resistirei aos golpes e não me venderei jamais e mesmo que meus sonhos se partam em pedaços, resistirei*». Evidentemente estas palavras eram mesmo perfeitas para aquele período. Assim, os cantores mais famosos dos países latinos registraram uma versão para a **Espanha** (entre os quais estava Alex Ubago, Álvaro Soler, David Bisbal, Diana Navarro, Manuel Carrasco, Melendi, Pastora Soler, Rosana, Vanesa Martín), para o **México** (com Belinda, Camila, Cristian Castro, Edith Márquez, Gloria, Lila Downs),

para a **Colômbia** (com Jessica Lopez, Alexander Gonzalez, Alejandro Rivera, Juan Pablo Marquez), para a **Venezuela** em versão salsa (com Daniela Darcourt, Tony Succar, Mayra Goñi, Bartola, Roberto Blades). No YouTube é possível encontrar os vídeos destas versões com os cantores e os músicos que gravaram sua parte de suas próprias casas.

Michael Bublé ouvindo uma canção escrita pelos Stay Homas, um trio musical Catalão, enquanto se encontrava espontaneamente em quarentena com sua família em Vancouver, decide partilhá-la imediatamente em sua página no Facebook. A resposta dos fãs foi envolvente a ponto de impulsioná-lo para que registrasse a parte *Gotta Be Patient* com a cantora mexicana Sofia Reyes e seus amigos músicos Barenaked Ladies: «*Desejo somente ver meus amigos. Desejo caminhar livremente pela estrada. Mas devo ser paciente. Portanto, saboreemos este confinamento. Desejo somente sentir o seu amor, porque o Instagram não é suficiente para mim. Portanto, devo ser paciente. Saboreemos este confinamento*».

A música pode de fato, regenerar o físico e a alma e, nos casos acima indicados, a intenção era também benéfica porque o que se obteve dos direitos das canções foi encaminhado para instituições humanitárias que ajudavam as pessoas no combate do Coronavírus.



A rainha do xadrez

Andrea Petralia

andrea.petralia95@gmail.com

A órfã de 8 anos Beth Harmon é tranquila, sombria. Pelo menos até que não jogou sua primeira partida de xadrez. Os seus sentidos se tornaram mais agudos, seu pensamento mais claro, e pela primeira vez na sua vida, sente tudo completamente sob controle. Na idade de 16 anos compete no campeonato US Open. À medida que Beth aprimora as suas habilidades no âmbito profissional, as apostas no jogo se tornam mais altas, seu isolamento se torna mais espantoso e seu pensamento de fuga se torna ainda mais tentador.

Elizabeth Harmon, *A rainha do xadrez*, na série de mesmo nome da Netflix, nasceu do romance *The Queen's gambit* de Walter Travis (1983). *A rainha do xadrez* é o retrato de uma garota prodígio que consegue resgatar-se de uma dolorosa história de abandono, afirmando-se graças ao seu formidável talento no xadrez, mas também a história de uma órfã que luta para estabelecer relações interpessoais e está ligada também à dependência do álcool e de tranquilizantes. A pequena Beth, que se tornou órfã no suicídio de sua mãe, foi acolhida em um orfanato, onde uma impecável governanta educa suas hóspedes ao bom comportamento no ritmo de vitaminas e “pílulas que regulam o humor”. Começa assim, em estilo dickensiano, o romance de formação de Elizabeth Harmon, que a partir dos anos do colégio chega a atingir um sucesso planetário, graças à sua habilidade no jogo de xadrez, que lhe foi ensinado pelo tutor Shaibel. O fascínio da série Netflix, em sete episódios, se revela na capacidade de usar a narração, a macro história de Elizabeth e as micro histórias que a circundam, para evocar uma feminilidade tão ambiciosa quanto ambivalente. Elizabeth é uma mulher gênio no xadrez, que além de outros fulgurantes sucessos, mostrou também as suas fragilidades: como por exemplo, a dependência do álcool.

■ História de empowerment

Situada entre os anos 50 e 60 do Novecentos, nos Estados Unidos da América, *A rainha do xadrez* é uma história de empowerment, sobretudo uma história de feminilidade plural no interior de um mesmo sujeito feminino - justamente aquele de Beth - e plural no desdobrar-se das relações de fraternidade, na relação entre Beth e Jolene, duas órfãs que adiam - na expectativa de serem adotadas - a própria educação afetiva acumulando uma raiva que cada

uma exprime de maneira diferente no modo de curvar-se e arcar-se, e, igualmente na relação entre Beth e a mãe adotiva, Alma, uma mulher sufocada nas aspirações pelas gramáticas burguesas interiorizadas e pelas comuns aventuras conjugais.

Um aspecto interessante da *Rainha do xadrez* é a introspecção psicológica da protagonista. Beth aparece, pela primeira vez, como uma menina e, durante toda a série, desenvolve-se o seu percurso de crescimento. É incrível perceber como uma garotinha tímida e introvertida se transforma em uma campeã capaz de fazer frente a terríveis adversários, saindo vencedora em um mundo somente de homens.

Ainda mais incrível, que os autores tenham sido capazes de interpretar cada um dos aspectos da personalidade de Beth. Ela não é só uma mente

brilhante, é, também, uma garotinha que ficou sozinha, viveu por longos anos em um orfanato, distante e fora do mundo. A adoção não é somente uma segunda chance, significa também enfrentar a realidade, para além daqueles muros, onde sempre viveu. Beth vive, de um lado, contínuos encontros com os enxadristas sempre mais espertos e mais velhos que ela; por outro lado, a batalha contra as dependências e a vida desregrada, que colocam em evidência os traumas sofridos pela menina.

Beth é uma mulher corajosa que não teme usar sua inteligência e o seu talento, sobretudo quando se encontra em um ambiente masculino como o dos enxadristas. É assim que Beth, de desafio em desafio, consegue revelar o lado cativante do xadrez, um jogo, por certo, não espetacular, mas forte no seu envolvimento da esfera psicológica.





Escolher sempre a vida. Minha história narrada aos jovens.

Emilia Di Massimo, FMA
emiliadimassimo@libero.it

de Liliana Segre

■ Narratividade e estética

Do ponto de vista técnico a série torna o xadrez, não só um jogo espetacular, como por exemplo, o futebol, mas baseia todo o agir no intelecto do jogador e na sua habilidade na escolha do movimento certo a realizar. O diretor do cinema conseguiu transformar o jogo de xadrez em um momento de grande tensão, graças às ótimas sugestões de direção. Embora não conhecendo as regras, qualquer espectador consegue compreender o andamento da partida através do jogo de olhares entre os personagens. A tensão é intensificada pela inserção da trilha sonora, por vezes feita de música, outras vezes pelo simples tique-taque do relógio que marca a passagem do tempo.

Scott Franck, cenógrafo e diretor, sabe como conjugar narratividade e estética, como unir storytelling e sensorialidade e o sucesso é duplo na *Rainha do xadrez*, porque satisfaz o desejo de ouvir histórias e o de contemplar a beleza. As soluções

dramatúrgicas sempre variadas conseguem fundir conto e representação; tornam atraente sobretudo as partidas de xadrez, as extenuantes competições que se consomem na intuição de um movimento sucessivo e se resolvem, frequentemente, graças a um inesperável golpe de cena, uma fantasia imprevisível, caminhos secretos, túneis de pensamento nos quais apaziguar as aflições do coração e com as quais se preenchem as ausências do amor. Utilizando zoom, primeiros planos e até *split screen* (tela dividida), Scott Frank dá vida a momentos emocionantes que a todos mantêm atentos.

A série se apresenta com um certo ar de obscuridade, ar cinzento, que evidencia os momentos nos quais Beth atinge o seu mais profundo, assim como seus maiores sucessos, nos quais, porém, permanece sempre um tom de melancolia.

A rainha do xadrez é uma *história de amor*: A paixão correspondida entre uma menina ferida e o seu tabuleiro de xadrez.

Uma menina milanesa feliz, despreocupada e cheia de vida. Aos oito anos foi afastada da escola por ser hebreia, mas não o era totalmente: seus pais eram agnósticos e não frequentavam a Sinagoga. Sua mãe havia falecido e Liliana Segre vivia com seu pai e os avós paternos quando em 1938 as *Leis raciais* irromperam na sua “pequena vida” e ela se tornou a “outra”, vítima e testemunha.

Fugiu com o seu pai para a Suíça com documentos falsos para não serem reconhecidos e no momento em que teriam podido pedir asilo, foram rejeitados, presos e deportados para Auschwitz-Birkenau. Liliana, depois de ter sido obrigada a deixar seu pai, inicia os trabalhos forçados nos “lager”, mas quer viver e procurar resistir. Única sobrevivente de sua família, desde 1990 a Segre começou a narrar sua história tornando-se uma das mais conhecidas testemunhas.

Escolher sempre a vida. Minha história narrada aos jovens nasceu de um encontro para os jovens do Liceu, organizado em Lugano, em 2018, pela *Goren Ferrari Monti Foundation*.

O testemunho de Liliana Segre é essencialmente um hino à existência que se desdobra através



de um discurso claro, lúcido e profundo e se faz apelo, especialmente aos jovens: “Não sejam, jamais, indiferentes diante daquilo que acontece, tomem posição e, sobretudo, escolham sempre a vida”. A experiência do “lager” - do campo de concentração da Alemanha nazista - fez amadu-

recer em Liliana a convicção de que a existência pode ser belíssima, porque “após uma fase dolorosa, como aquela que ela viveu, é agora possível ver as flores que desabrocham nas árvores, é possível ver o nascer da vida! É possível ainda viver o amor, ter a própria casa no mundo. Portanto é preciso ser for-

«A força da vida é extraordinária; é isso que devemos transmitir aos jovens de hoje».

te, ter esperança e escolher a vida. Sempre!” As páginas autobiográficas deixam perceber o desejo sempre mais forte de viver, apesar do sofrimento, e vale a pena, o amor, a piedade, a lembrança daquela adolescente que foi capaz de transformar a dor em oportunidade. A Segre rela-

ta: «Quando falo nas escolas digo que, cada um, na vida, deve colocar uma perna diante da outra, que não se deve nunca depender de alguém porque na “Marcha da morte” não podíamos nos apoiar no companheiro vizinho que se arrastava na neve com os pés cheios de chagas e que seria morto pelo guarda caso caísse. Morto. A força da vida é extraordinária, é isso que devemos transmitir aos jovens de hoje. Nós não queríamos morrer. Éramos loucamente apegados à vida, seja lá o que fosse, motivo pelo qual prosseguíamos, uma perna na frente da outra, jogando-nos nos esterco, comendo também a neve que não estava suja de sangue».

■ **Uma borboleta amarela sobre o arame farpado**
Liliana fala de si mesma como fugitiva, clande-

stina, refugiada, escrava trabalhadeira, usando expressões da contemporaneidade, por isto seu testemunho pertence ao passado só historicamente; na realidade é uma ponte que fala do hoje, do nosso *aqui e agora*. Interrogando o presente, a Segre indica aos jovens um futuro sem discriminação e evidencia que eles poderão construir se se colocarem à escuta da própria vida e da vida dos outros; se se deixarem orientar por adultos significativos; indica aos educadores diversas temáticas formativas para aprofundar um diálogo com a contemporaneidade. Sua memória encontra aterrissagem no presente como se lê na premissa: «Contarei uma história dolorosa, mas que termina bem. Isto é importante, porque mesmo as histórias mais difíceis podem terminar bem». Tendo voltado após a guerra a uma Milão cheia de escombros fumegantes, Liliana é uma garota ferida, que não sabe mais usar talheres para comer; criticada até por aqueles lhe dedicavam afeto porque desejavam que fosse aquela moça burguesa de boa educação, ignorando que ela havia visto a cor da solidão que Liliana mesma define “a solidão absoluta do silêncio”. Aquela incomunicabilidade que foi superada aprendendo alguns vocábulos estrangeiros para encontrar, com as companheiras

de diversas nacionalidades, uma palavra comum, afirmando que “em húngaro” aprendeu somente duas palavras: “pão” ou “fome”.

Os jovens fazem perguntas e Liliana, após tê-la escutado, fazendo emergir interrogações sobre a fé e sobre o como ela conseguiu permanecer em vida, apesar do sofrimento.

Ela responde que é atea e aquilo que na vida a fez sarar foi o amor, o único de sua vida, encontrado no marido Alfredo que a “tomou pela mão”, aquela mão que havia ficado só e com o amor que lhe curou as feridas. Os jovens refletem sobre aquela adolescente que foi capaz de ir além no muro de Auschwitz-Birkenau e que hoje, aos 90 anos, conclui assim o seu testemunho: «...pode-se, um passo à frente do outro, ser como aquela menina de Terezin que desenhou uma borboleta amarela que voa em cima dos arames farpados. Eu não tinha lápis de cor e, talvez, não possuísse a fantasia maravilhosa da menina de Terezin. Que a borboleta amarela voe sempre sobre os arames farpados. Esta é uma mensagem muito simples, de avó, que desejaria deixar aos meus futuros netos ideais. Que tenham condições de fazer escolhas. E com a própria responsabilidade e a própria consciência, possam ser sempre aquela borboleta amarela que voa sobre os arames farpados”.

«Escolhi a vida e me tornei livre».



Tempo de...

Queridos amigos,
É tempo de conversão!

Meus afetuosos cumprimentos a vocês neste novo ano que convida a olhar com confiança e esperança, porque algo de transformante nos espera. Que pensam a este respeito?

Não calculávamos passar por uma experiência tão forte como esta da Covid-19. E ainda nos encontramos com a "máscara". Procuo todo dia, ter cuidado comigo mesma e com os outros. Obedeço aos protocolos. Usar a "máscara" tão frequentemente pode ser incômodo, porque dificulta a respiração; estar distante das pessoas sem poder abraçá-las ou apertar-lhes a mão para cumprimentá-las, parece que tudo se faz empecilho para sermos próximos (as) uns dos outros. Mas, não é assim!

Papa Francisco nos convida, justamente, para termos um olhar otimista, olhar que sabe colher as oportunidades,

que se abre à conversão em nosso pensar e agir: "Uma tragédia global como a pandemia Covid-19 suscitou, de fato, por certo tempo, a consciência de sermos uma comunidade mundial que navega no mesmo barco, onde o mal de um leva ao dano de todos. Lembrem-nos de que ninguém se salva sozinho, que somente unidos poderemos nos salvar. A tempestade desmascara a nossa vulnerabilidade e deixa a descoberto aquela (bendita) pertença comum da qual não podemos nos subtrair: a pertença como irmãos" (*Frattelli Tutti* n. 32).

Vejam, há algo que deve ser mudado, convertido, para que nas nossas relações se possa gerar realmente aquela sinergia e comunhão entre nós e com o criado para a salvação da humanidade. Isto é

fundamental para que decidamos sair de nós mesmos. Foi isto que Maria, Dom Bosco e Madre Mazzarello responderam à própria vida, à missão com um amplo olhar. Eles construíram sempre uma ponte de ternura, colocaram a serviço a própria sabedoria de vida, pela salvação dos jovens. *Encontramos ainda hoje, na sociedade, entre nós, testemunhos de vida empenhados em gerar vida?*

Conscientes do cenário atual, experimente olhar-se no espelho usando a máscara. Poderão perceber que ela não nos impede de presentear um olhar de amor que pode salvar tanta coisa. Podemos abrir-nos à solidariedade sem medo, porque nos ajudará a mudar nosso estilo de vida - tantas vezes individualista- em uma atitude de alegre doação. Vivi uma bela experiência em comunidade: estabelecendo diálogo com algumas mulheres do bairro nós nos propusemos preparar máscaras e oferecê-las a quem não as possuía. *Vocês têm alguma experiência válida para relatar?*

Deixemo-nos interpelar pelas oportunidades que este tempo está nos oferecendo. Que o próximo CG XXIV receba a força no nosso caminho de conversão, que se traduz em fraternidade sinodal e solidária, para gerar a Vida de Jesus nas pessoas, especialmente na juventude que nos é confiada. Até breve!

Palavra de Camilla



...a caminho dos 150 anos do Instituto FMA

Em Mornese, Nossa Senhora acompanha a jovem *Main* e a conduz para horizontes da missão educativa: cuidar das meninas empobrecidas a partir de uma clara entrega: *“Confio a você estas meninas”*.

Maria Domenica Mazzarello, desde o primeiro momento de sua intuição apostólica, assume a ação educativa colaborando com Cristo no cuidar das meninas pobres e vulneráveis. *Cuidar*, acolher a vida e colocar-se a seu serviço incondicionalmente: é esta a sua missão. Madre Mazzarello põe em prática a arte feminina de colher, com a intuição do coração, o essencial e os pontos focais da vida, das relações e das necessidades das jovens. Seu incansável cuidar das meninas e jovens é meio de atrair para Deus, em Cristo, porque n’Ele a existência humana encontra significado e plenitude.

Revestidas do espírito de Mornese, as Comunidades Educativas são chamadas hoje a uma *nova responsabilidade*: *“a vocês confio as meninas, os meninos!”*, no empenho de gerar vida, procurando modalidades para ser com e para os jovens *“sinal e expressão”* do amor preveniente de Deus (cfr. C 1).

“A Comunidade Educativa é chamada pelo Espírito Santo a assumir este belíssimo e empenhativo percurso, tipicamente salesiano, e se tornar “seio” gerador de vida, lugar da fecundidade do amor. A experiência de Mornese permanece como ponto de referência insubstituível pelo dinamismo, criatividade, coragem de fazer brotar a vida em tantos e tantas jovens. É um desafio que também hoje somos chamadas a enfrentar juntas, pondo em ação a riqueza do Sistema Preventivo para reconhecer e encher de “vinho novo” as “jarras vazias” de tantos jovens em todo o mundo. (cf Madre Yvonne Reungoat Circolare n 992).

A educação tem por sua natureza uma fecundidade gerativa e repropô-la é um desafio para responder ao apelo do Pacto Educativo Global, “renovando a paixão por uma educação mais aberta e inclusiva, capaz de escuta paciente, diálogo construtivo e mútua compreensão. É preciso unir os esforços em uma ampla

aliança educativa para formar pessoas amadurecidas, capazes de reconstruir o tecido das relações em vista de uma humanidade mais fraterna» (Papa Francesco, Messaggio per il lancio del Patto Educativo, 12 settembre 2019).

Esperança, fé, amor, paz, ternura, capacidade de resistir a sofrimentos sem vacilar e guardar no coração podem realmente encher de vida nova e de esperança os “odres vazios”, neste tempo inédito de história, que interpela em profundidade o Instituto das FMA a despertar *“o frescor original da fecundidade vocacional do Instituto das FMA”*, com o empenho de construir uma sociedade rica de esperança e de vida nova.



«A esperança é audaz,
sabe olhar para além das comodidades pessoais,
das pequenas seguranças
e compensações que limitam o horizonte,
para abrir-se a grandes ideais
que tornam a vida mais bela e digna.
Caminhemos na esperança».

*(Papa Francesco, Fratelli Tutti. Sulla fraternità e
l'amicizia sociale. Città del Vaticano, 2020, n. 55)*



Instituto Figlie di Maria Ausiliatrice
Salesiane di Don Bosco

